

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E TEORIA LITERÁRIA

LENDAS, MITOS E HISTÓRIA:
ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS POLONESAS E GREGAS

Ana Carolina Klacwicz
Orientadora: Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE
2009

ANA CAROLINA KLACEWICZ

LENDAS, MITOS E HISTÓRIA:
ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS POLONESAS E GREGAS

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Instituto de Letras da
UFRGS, como pré-requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2009

***Aos meus avós maternos, Henryka e Jan,
e em memória dos meus avós paternos,
Maria e Karol.***

***Aos meus pais Anna e Jan, por me darem
apoio incondicional para a realização
de um sonho.***

Agradecimentos

Agradeço a todos que de uma forma ou outra me acompanharam nessa caminhada.

Aos professores do Instituto de Letras e aos colegas que me acompanharam nessa trajetória.

Aos meus irmãos, Alexandre e Krzysztof, que mesmo de forma silenciosa, torceram por mim.

Ao meu pai Jan, que me deu todo apoio prático que eu precisei para concluir o curso.

À minha mãe Anna, sempre presente, pelas traduções e pela troca de conhecimentos.

E à professora Márcia Ivana, minha orientadora, por abraçar o desafio de pesquisar sobre a literatura polonesa e pelos ensinamentos passados durante todo o curso sempre com muita dedicação.

“Ouvir o povo é curso universitário.”

Luís da Câmara Cascudo

Resumo

Pertencentes a uma das categorias do folclore literário, os mitos gregos e as lendas polonesas podem contar a história da fundação de cidades e nações. O presente trabalho tem por objetivo analisar os pontos em comum entre esses gêneros narrativos, investigando, em especial, o caráter fundador das lendas polonesas. Além de delinear os conceitos de mito e lenda, a pesquisa apresenta um estudo acerca das versões sobre as fundações de Tróia e da Polônia sob a perspectiva da História e das narrativas populares. Por fim, compara o mito grego sobre a fundação de Tróia com as lendas polonesas sobre Lech, Czech e Rus; sobre Popiel e sobre Piast, com o intuito de traçar algumas características das narrativas fundadoras.

Palavras-chave: lenda polonesa; narrativa fundadora; mito grego

Abstract

Belonging to one of the categories of folklore literary, Polish legends, as Greek myths, can tell the story of the foundation of cities and nations. This study aims to analyze the common points between these narrative genres, so as to investigate in particular the founding character of Polish legends. In addition to outlining the concepts of myth and legend, the research presents a study on the versions of the foundations of Troy and Poland from the perspective of history and popular narratives. Finally, this work compares the myth about the founding of Troy with the Polish legends about Lech, Czech and Rus, Popiel and Piast, in order to trace some features of the founding narratives.

Keywords: Polish legend; Founding Narrative; Greek myth

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1. Conceituação de lenda e mito.....	12
2. Os fatos segundo a História e as narrativas populares.....	20
2.1 Fundação de Tróia.....	20
2.2 Fundação do Estado Polonês.....	21
2.3 Mito Grego sobre Tróia.....	23
2.4 Lendas sobre os Primórdios do Povo Polonês.....	26
3. Lendas e Mitos: comparação.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	38
Anexo A - A Fundação de Tróia	
Anexo B - A lenda dos três irmãos – O Lechu, Czechu i Rusie	
Anexo C - A águia branca	
Anexo D - Lenda dos três irmãos e a águia branca	
Anexo E - Lenda sobre Popiel	
Anexo F - Piast Kołodziej	
Anexo G - Piast	

Introdução

A cada geração, o ser humano acumula saberes e valores que recebe de seus antepassados. Seja por imitação, seja por observação, o homem procura absorver, conservar, modificar, enriquecer esse acervo transmitindo-o aos descendentes, repetindo tal procedimento de forma subsequente. As sociedades dão continuidade às experiências dos antepassados aumentando, a cada ciclo, a herança cultural da humanidade.

O principal e mais característico modo de transmissão é a linguagem. Já desde os primeiros anos a criança procura expressar suas emoções e vontades, satisfações e contrariedades através da linguagem gestual ou oral. É através dela que o passado liga-se ao presente, possibilitando a evolução da humanidade.

Graças à oralidade, foi possível reunir as diferentes experiências das culturas humanas. A transmissão das práticas e impressões e o relato de façanhas heróicas, de fenômenos da natureza, de episódios diários da comunidade de forma fantasiosa e imaginativa tornaram-se valorosas fontes literárias. A evolução espontânea e natural da tradição oral deu origem à literatura. Segundo Antônio Henrique Weitzel, no livro *Folclore Literário e Lingüístico*, a literatura oral é a primeira manifestação da ciência literária, “porque transmitida de boca em boca, de geração em geração, e levada a todos os recantos da terra.” (WEITZEL, 1995, p.19). Conservada pelo povo, de onde surge, a literatura oral sofre modificações temporais e espaciais, assimila novos elementos, toma e empresta material das diversas etnias, mantém-se na memória coletiva e, desvinculada das convenções literárias, atinge a todas as classes invariavelmente, sejam letrados, sejam iletrados.

Descompromissada com a gramática, com os padrões estéticos e estilísticos, a literatura popular e a literatura erudita – subordinada a escolas e estilos dominantes em cada época – formam a literatura.

Ambas essas literaturas, entretanto, tão fecundas, tão profundas, tão ficticiamente independentes, tão sabidamente interdependentes, formam uma só literatura, que revela e mantém toda a criação do homem e perpetua a sua herança cultural. (WEITZEL, 1995, p.21)

Essa literatura popular, folclórica tem como principal meio de transmissão a oralidade; a forma escrita, porém, não deixa de ser um meio igualmente válido de transferência e perpetuação da cultura. Dividido em narrativo e poético, o folclore literário registra costumes, crenças e sabedoria popular. O folclore poético engloba o cancionero materno - acalantos, cantigas infantis, com uma gama imensa de brincadeiras cantadas, romances, abecês, quadras, desafios - e a literatura de cordel. Já o narrativo abrange as lendas, os mitos, os contos, as fábulas, os casos e o anedotário popular.¹

Jean-Pierre Bayard disserta sobre a importância dessas narrativas para os povos, segundo o autor de *Histórias das Lendas*, “*ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez da história cronológica de fatos consignados*” (BAYARD, 1957, p.9). É por compartilhar com o autor essa opinião e estender a toda forma de expressão da cultura popular seja canto, seja dança, seja contação de lendas e mitos, que iniciamos esse estudo. Acreditamos que a compreensão do que são essas narrativas, o conhecimento de suas origens e dos pontos em comum entre si e com a História, que relata os fatos reais, pode nos ajudar a conhecer melhor as diferentes culturas de um modo mais prazeroso e repassar essas histórias de forma mais consciente, em especial a polonesa que é o foco principal dessa investigação.

A motivação para essa pesquisa surge da minha atuação junto a crianças e adolescentes na disseminação da cultura polonesa através da dança. Meu trabalho com o grupo folclórico abarca não somente o desenvolvimento corporal, mas também a difusão da cultura através dos costumes, das festividades, da História e das narrativas populares. Como no público alvo encontram-se jovens e a intenção é transmitir conhecimento de forma mais leve, evitando a didática escolar, muitas vezes, optamos pelo uso das lendas. A história da milenar Polônia marcada por dinastias, invasões, surgimento de novas cidades pode ser encontrada em livros de historiadores e também conhecida através das lendas contadas de geração em geração pelo povo, bem como aquela que conta como o povo eslavo se dividiu depois da separação de três irmãos, dando origem à Polônia, à Rússia e à Tchecoslováquia.

¹ Classificação apresentada em *Folclore Literário e Lingüístico* (1995) por Antônio Henrique Weitzel.

Ao perceber que a história polonesa é reconhecida através das lendas, esta investigação surge da necessidade de se estudar o caráter fundador dessas narrativas, buscando sua relação com os mitos fundadores gregos.

A distinção e a determinação de limites entre lenda e mito é uma tarefa difícil, pois esses gêneros entrelaçam-se, embaraçam-se e confundem-se, às vezes pela temática, outras pelo sentido que lhes é dado. É a partir da necessidade dessa delimitação que começamos a pesquisa. Na seção 1, apresentamos a polissemia das palavras lenda e mito para, em seguida, estabelecer seus conceitos e limites. Na segunda seção, subdividida em quatro, apresentaremos o que a História registra sobre a fundação de Tróia e sobre a origem do povo polonês, dando espaço também para as narrativas folclóricas contarem sua versão. Nessa seção, nosso objetivo é apresentar os pontos em comum entre o factual e o literário. Por fim, na seção 3 mostramos os pontos de convergência e os pontos de divergência entre as lendas polonesas e os mitos gregos, já nos encaminhando para a resposta que norteia nossa pesquisa: assim como mitos fundadores, existem lendas fundadoras? Essa relação entre os mitos e as lendas surge como uma metodologia para traçar características de uma narrativa fundadora. A escolha pelo mito sobre a fundação de Tróia dá-se pelo fato de nós, ocidentais, termos acesso à mitologia e à literatura através da tradição grega e por nosso interesse de explorar as semelhanças entre a fundação da Polônia e a fundação de Tróia.

Temos consciência de que, ao chegar ao fim do presente trabalho, não encontraremos de forma clara as respostas procuradas, mas que um intenso trabalho de pesquisa e reflexão foi feito, a fim de que outros pesquisadores também se interessem pelo estudo da Literatura Oral, em especial pelas lendas polonesas, sejam quais forem seus focos de estudo.

1. Conceituação de lenda e mito

Iniciamos com o estudo dos conceitos de lenda e mito e a distinção entre esses gêneros pelo fato de frequentemente serem confundidos e pela polissemia dessas palavras. Mircea Eliade, em *Mito e Realidade*, mostra que a palavra mito em nossos dias tem sido usada tanto com o significado de “ficção”, “ilusão”, quanto de “tradição sagrada”, “modelo exemplar”. Eliade apresenta como os gregos deixaram de lado o valor religioso e metafísico do mito, passando a indicar tudo o que não pode existir realmente. Já o judeu-cristianismo “relegou para o campo da “falsidade” ou “ilusão” tudo o que não fosse justificado ou validado por um dos dois Testamentos.” (ELIADE, 1986, p.8). Aristóteles, em sua *Poética*, usa mito como sinônimo de enredo, como podemos perceber nesse trecho: “*Está no mito a imitação da ação (...). Toda tragédia, pois, comporta necessariamente seis elementos, dos quais depende a sua qualidade, a saber: mito, caracteres, falas, idéias, espetáculo e canto.*”(ARISTÓTELES, 2005, p.25). Termo também empregado para denominar fenômenos de popularidade criados pelo esporte, pelo cinema ou pela televisão, usados principalmente em reportagens como a de Wilson Baldini Júnior, do Estadão de Hoje:

César Cielo é o mais novo candidato a mito no esporte brasileiro. Com conquistas mundiais e olímpicas, o nadador de Santa Bárbara d'Oeste aos 22 anos se aproxima de atingir o status de referência nacional, que poucos alcançaram com suas proezas em piscinas, quadras, pistas e campos pelo mundo. (BALDINI JR, 02 de agosto de 2009).

Ou ainda usado com a mesma significação de falsidade, como a desse artigo encontrado no site *Estética Brasil* sobre alimentação:

Muitas vezes pensamos que diminuir a quantidade de refeições por dia pode ser uma solução para o emagrecimento. Mas isso não é verdade. **MITO!** Nutricionistas indicam que deve-se comer porções menores várias vezes ao dia. (site Estética Brasil)

A lenda, assim como o mito, também aparece com o sinônimo de falsidade ou de fenômenos de popularidade. Também é usada como algo irreal, inventado ou sem comprovação. O sentido do vocábulo ampliou-se e hoje abrange outras formas de narrativa, como histórias que versam sobre a criação do mundo, sobre os fenômenos atmosféricos. Ambos os termos são, às vezes, usados de forma pejorativa para se referir a crenças consideradas sem fundamento.

De forma simplificada, lenda é explicada como narrativa de um fato histórico que foi acrescida da imaginação e fantasia popular, já o mito não derivaria de acontecimentos e tem apelo sobrenatural. Antônio Henrique Weitzel apresenta um quadro-resumo das características de cada narrativa popular (lenda, mito, conto e fábula), no qual diz que o conteúdo da lenda seria o real e do mito o sobrenatural; a lenda tem a História e a Geografia como aspectos, enquanto o mito tem a Religião e a Magia; e como personagens a primeira forma de narrativa tem seres humanos e a segunda, deuses, semideuses e heróis divinizados.

André Jolles apresenta em *Formas Simples* uma distinção entre “*formas simples*” e “*formas artísticas*”, a simples tem origem indeterminada no tempo com autoria incerta ou com ausência de autoria, presentes no inconsciente coletivo constituem arquétipos, as artísticas seriam mais individuais, pois provém do trabalho criador de um artista. As formas simples - narrativas não abrangidas pela disciplina literária - estão enraizadas na linguagem, segundo Jolles, tão profundamente que chegam a “*repugnar também a essa eterna consciência da língua que é a escrita.*” (JOLLES, 1976, p. 217). Conforme o autor as Formas Simples:

[...] se realizam tanto na vida como na língua e são percebidas quer no plano da existência quer no da consciência;
[...] é sempre possível deduzi-las de uma determinada disposição mental;
[...] é possível conhecê-las como Puras Formas Simples e como Formas Simples atualizadas, das quais uma Forma Relativa acabará por destacar-se;

[...] que cada Forma Simples pode transmitir seu poder a um objeto e que esse objeto é então investido do poder de sua Forma. (JOLLES, 1976, p.217)

Perceber uma Forma Simples no plano da consciência diz respeito ao conhecimento que cada um tem sobre as fábulas, as histórias, as lendas, os mitos de seu povo, já o plano da existência diz respeito ao que cada um faz com esse conhecimento, se apenas guarda para si, se dissemina, se utiliza como modelo a ser seguido, etc.

A Forma Simples surge da cristalização da disposição mental, da produção linguística que pode ao mesmo tempo “*querer dizer*” e “*significar*”. A disposição mental da lenda é a imitação com o intuito de manter a tradição, a história. Originalmente as lendas eram compilações de histórias e depoimentos sobre a vida e os atos de santos;

[...] homem cuja conduta peculiar atrai as atenções dos que o cercam. Seu modo de vida, sua maneira de ser, distinguem-no dos outros homens, ele é mais virtuoso que os outros homens e, sobretudo, sua virtude difere ainda mais na qualidade que na quantidade. (JOLLES, 1976, p.34).

Em *Formas Simples*, Jolles descreve o processo de canonização: ocorre primeiro o processo de beatificação, no qual, através de testemunhas, são comprovadas as práticas virtuosas e milagrosas; concluída a beatificação, é necessário que novos milagres aconteçam, mais testemunhas sejam ouvidas, argumentos contrários e a favor sejam expostos para que se concretize a canonização. Inicialmente espontâneo esse processo passou por uma formalização, mas o comportamento passivo do indivíduo canonizado permaneceu. Não é dele que parte o seu “*nascimento*”; “*o santo não dá a impressão de existir por si e para si, e sim pela comunidade e para a comunidade.*” (JOLLES, 1976, p.39). Surge dessa situação a forte vinculação da lenda com a realidade. O autor diz que a lenda narra uma história, ou seja, é uma *Vita*, “[...] *tal Vida obriga-se a ter um desenvolvimento que corresponde, em todos os seus aspectos, à história de uma existência real.*” (JOLLES, 1976, p42). Poderíamos confundir lenda com biografia histórica, nesta o sujeito é bem delimitado, tem personalidade própria, serve de exemplo, mas não nos

absorve, enquanto que aquela o ser é reedificado para nos suscitar a entrar nele. A lenda medieval era narrada nos refeitórios dos conventos com o intuito de apresentar referenciais, exemplos de boa conduta que deveriam ser imitados pelos ouvintes dessas histórias.

Quanto à narrativa, a lenda tenta resumir esquematicamente, reunir em um só conceito um determinado número de fenômenos semelhantes. Jolles diz:

Tudo acontece como se a multiplicidade e a diversidade do evento se cristalizasse e ganhasse uma configuração definida; como se um certo número de fenômenos semelhantes fosse apanhado num turbilhão que lhe mudou o sentido para fazer deles um conceito único, a figuração de um conceito único. (JOLLES, 1976, p.45)

O autor apresenta como exemplo uma narrativa dos *Atos de Mártires*, no qual há o seguinte trecho: “*O imperador enfurece-se, manda o prender e supliciar numa roda armada de lâminas afiadas.*” Segundo André Jolles, a expressão “*roda armada de lâminas afiadas*” não passa a ideia de como supliciar alguém com esse instrumento, mas sim reúne o conjunto de torturas físicas e morais possíveis, ou seja, a narrativa procura uma forma de condensar informações, já que o interessante é ser uma história curta e de fácil memorização.

Falamos até aqui das narrativas sobre um sujeito famoso; a lenda, porém, também pode narrar um evento de determinada comunidade, um marco geográfico ou a origem de algo. Considerando esses diferentes aspectos, em *Folclore Literário e Lingüístico*, Weitzel apresenta a divisão feita por Dorson em 1970. As narrativas podem ser classificadas em: *personais*, quando estão ligadas a um indivíduo conhecido, herói ou vilão; *locais*, vinculadas a uma localidade, falam de rios, lagos, terras, cavernas, grutas e demais acidentes geográficos; *episódicas*, contam acontecimentos particulares que interessam à comunidade, ou *etiológicas*, descrevem a origem de um animal ou planta. Este quarto tipo de lenda foi acrescentado por Weitzel a essa classificação. Há uma subdivisão nas lendas pessoais, elas podem ser *heróicas*, *hagiográficas* ou *anedóticas*.

Ao discutir o que é mito, Jolles apresenta a dificuldade de encontrar uma palavra-chave para propor sua disposição mental. Ao sugerir que o mito tem como disposição mental o saber, a ciência, ele ressalva que não se trata do saber que visa um conhecimento total ou certezas, mas

[...] trata-se, aqui, do saber absoluto, que só se produz num caso: quando um objeto se cria a si mesmo numa interrogação e em sua resposta, para se fazer conhecer e se manifestar na palavra, na profecia. (JOLLES, 1976, p.93)

O mito relata o processo de criação de um objeto, sempre a partir de uma pergunta e uma resposta. Relacionando mito e oráculo, André Jolles diz que ambos predizem, ou seja, estão orientados para o futuro. O oráculo, aspecto fundamental da religião e cultura grega, é a resposta dada por um deus consultado sobre uma dúvida individual, normalmente referente ao futuro. A obtenção de um oráculo assemelha-se a um culto, é preciso ser dado pelo deus certo, num local determinado, por uma pessoa específica e respeitando um rito. Muitas vezes é exigido um aprendizado para se conseguir interpretar a resposta dada pelo deus. Após esse caminho, a distância entre passado e futuro é eliminada e não se pode mais distingui-los no universo.

Em *Mito e Realidade*, Mircea Eliade lembra a dificuldade de definir mito de modo que seja aceito pelos eruditos e acessível para os não-especialistas, pois é “*uma realidade cultural extremamente complexa*”, e apresenta uma definição que considera ampla e menos imperfeita:

[...] o mito conta uma história sagrada; êle relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 1986, p.11)

Antônio Henrique Weitzel, ao listar como outros autores conceituavam mito, cita Renato Almeida, que discorre sobre a ambivalência do termo em folclore. Segundo Almeida, o mito de um lado é fato, crença e de outro,

narrativa, literatura oral. Seria esse ato de crença que distinguiria o mito das outras narrativas como lenda, fábula, conto, já que nesses gêneros também é possível a ocorrência da intervenção sobrenatural.

Assim como as lendas, os mitos também são classificados em: *teogônicos* (origem dos deuses), *cosmogônicos* (origem e evolução da Terra), *astronômicos* (origem e atuação do mundo astral), *culturais* (origem dos seres e explicação de uma prática, uma crença, uma instituição), *naturais* (fenômenos físicos) e *etiológicos* (origens das coisas). Tal divisão mostra como os mitos surgem para explicar como o mundo e o homem têm uma origem sobrenatural.

Há, ainda, como vimos na definição de formas simples de André Jolles as Puras Formas Simples e as Formas Simples atualizadas, das quais originará uma Forma Relativa. Puras Formas são as que mantêm seu caráter, já a Forma Simples atualizada é aquela narrativa que “*perde uma parcela de seu caráter específico ao atualizar-se*” (JOLLES, 1976, p.54), ou seja, a disposição mental modifica-se. No caso das lendas, Jolles traz como exemplo as narrativas sobre os anti-santos, nas quais já não há mais os modelos a serem imitados; continuam, porém, a mostrar claramente o que não devemos fazer. O autor relata como as Reformas, no fim da Idade Média, colaboraram para a perda da vitalidade da lenda tornando-a ineficaz.

Para ele (Lutero), o verdadeiro cristão já é um santo e não existe qualquer categoria especial para os heróis virtuosos. A virtude ativa, para Lutero, não se objetiva da mesma maneira por que se acreditava antes; deixou de ser corroborada por milagres e não se reconhece mais o poder individual de personalidades celestes. A opinião de Lutero engloba a de todo meio que ele representa: a mediação reservada ao Cristo e a certeza da salvação pela fé exclusiva em Jesus Cristo significam o fim de um universo em que os santos, os milagres e as relíquias tinham seu lugar certo. (JOLLES, 1976, p.55)

Embora essa disposição mental da lenda tenha modificado a imitação não foi inteiramente eliminada e, ainda hoje, reconhecemos modelos imitáveis. A Forma Relativa resulta da Forma Simples atualizada, elas são derivadas, análogas a Forma Simples e que “*são habitualmente assinaladas, adicionando-se o adjetivo “artístico”; [...] Pode-se exprimir assim que se viu perfeitamente*

não se tratar da disposição mental em si, mas apenas de um reflexo, de uma projeção que foi proposta ” (JOLLES, 1976, p.97).

Vimos até aqui que a principal diferença entre lenda e mito é a disposição mental; enquanto a primeira fragmenta a realidade para propor um modelo imitável, tomando como importante não a existência humana num todo, mas o momento, o instante de uma determinada ação da personagem, a segunda é criação, é a busca do saber absoluto o qual se produz quando um objeto se cria numa interrogação e em sua resposta.

Segundo Jean-Pierre Bayard, em *História das Lendas*, “a lenda é mais verdadeira do que a história” (BAYARD, 1957, p.9), pois nessas narrativas são incorporados os sentimentos, as emoções, o pensamento do povo. Nas lendas, encontramos ensinamentos humanos mais valiosos do que os passados pela rigidez cronológica do estudo histórico. Bayard reforça o argumento de que a lenda, mesmo deformada pela imaginação popular, é uma ação localizada com exatidão, tem personagens bem definidos e fundamenta-se em fatos históricos.

Já para Eliade, o mito é uma “*história verdadeira*”, porque se refere a realidades, ou seja, narra como uma realidade passou a existir após a interferência dos Entes Sobrenaturais. Sobre sua finalidade, Mircea Eliade afirma:

[...] a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. (ELIADE, 1986, p. 13)

Respeitados os diferentes pontos de vista e as definições dadas pelos pesquisadores desses gêneros narrativos, podemos notar que todos concordam em um aspecto: o limite que separa a lenda do mito é bastante tênue. Alguns chegam a dizer que a mesma narrativa pode ser interpretada como lenda em determinada cultura e como mito em outra. Há estudiosos que afirmam que um é a degeneração do outro, ou ainda, é uma forma derivada. Luís da Câmara Cascudo apresenta essa percepção em *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

As lendas são episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antigüidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço. (CASCUDO, 1976, p. 378)

Discutimos as diferenças entre mito e lenda, abordando aspectos distintos, porém o que nos interessa são as semelhanças entre esses gêneros. Percebemos que assim como os mitos são classificados em etiológicos, as lendas do mesmo modo apresentam tal classificação, pois podem narrar a origem de algo, como por exemplo a lenda da erva-mate, do guaraná ou da mandioca.

A etiologia estuda as causas de determinados fenômenos. As lendas etiológicas são confundidas com o mito, justamente por pretenderem explicar a origem e o porquê das coisas. Segundo Marilena Chaui, o mito fundador *“impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente.”* O mito fundador, comum na cultura grega e na religiosa, estabelece leis para as relações entre humanos e divindades; justifica mudanças de ordem social, política ou moral; e expõe ligação da narrativa com a história factual, como exemplo temos a história de Rômulo e Remo, que fundam Roma.

Verificamos que os mitos de origem não apenas narram a origem de algo, mas também narram *“todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje”* (ELIADE, 1986, p.16), é através dos mitos fundadores que conhecemos a razão pela qual a condição da humanidade modificou-se em determinados momentos de sua história.

2. Os fatos segundo a História e as narrativas populares.

2.1 Fundação de Tróia

Até a metade do século XIX, os historiadores tinham dúvidas se Tróia realmente havia existido. A partir das descobertas do arqueólogo amador Heinrich Schliemann, que em 1871 encontrou um sítio arqueológico em Hisarlik, na Turquia², supôs-se que existiram nove cidades construídas umas sobre as outras.

A Tróia I foi datada de 3000 a 2600 a.C por terem sido encontradas cerâmicas compatíveis com aquela época, fase do bronze antigo. A origem do povo que a construiu é desconhecida pelos arqueólogos, pois não foram encontrados cemitérios daquele período. As escavações apenas revelaram que era uma modesta cidade fortificada com casas de alicerces de pedras.

Na Tróia II, também pequena como a I, há sinais de ter sido destruída pelo fogo em 2300 a.C. Nesse estrato foram encontradas jóias e objetos preciosos, que Schliemann acreditando se tratar da Tróia Homérica chamou de “Tesouro de Príamo”. As cidades seguintes – III, IV e V – tiveram importância local e foram menos luxuosas que as demais. Os arqueólogos dataram estas entre 2300 e 1900 a.C., que coincide com o fim da idade do bronze antigo.

A sexta Tróia, mais rica do que as anteriores, foi indicada por Dörpfeld como a Tróia de *Ilíada*, mas há indícios que ela foi destruída por um terremoto e não por fogo. A Tróia VII, essa sim destruída por um grande incêndio, foi considerada por Blegen a cidade épica, pois nela foram encontrados cadáveres mortos com violência e ruínas com traços de devastação. A Tróia VIII, contemporânea a Atenas e a expansão de Alexandre, foi pouco habitada e coincide com o surgimento da *Ilíada*. Na nona cidade, rebatizada de Ílion, foram descobertos grandiosos templo e teatros.

Embora não seja possível afirmar com exatidão quem deu origem a Tróia, as escavações dos diferentes estratos da cidade nos revelaram alguns

² Embora o mito sobre a fundação de Tróia seja grego, a cidade histórica de Tróia fica na Turquia e não na Grécia.

aspectos da cultura, da arte e da riqueza de um povo que, ainda hoje, desperta interesse.

2.2 Fundação do Estado Polonês

A arqueologia afirma que desde a Idade da Pedra, há 180 mil anos a.C., a região entre os rios Oder e Bug (o primeiro serve de fronteira entre a Polônia e Alemanha, enquanto o segundo forma parte da fronteira entre as terras polonesas e ucranianas) foi povoada por tribos de baltos, celtas, germanos e eslavos, ou percorrida por povos nômades tais como: citas, sármatas, hunos e mongóis. Segundo a enciclopédia Larousse Cultural, o território polonês e o Império Romano entraram em contato, nos séculos I e II d.C, graças à rota do âmbar, antigo caminho de comércio.

O processo de formação das nações eslavas, que deu origem aos diversos países, e a povoação das terras da atual Polônia não estão suficientemente esclarecidos, entretanto acredita-se que a etnia polonesa distinguiu-se dos demais eslavos entre os séculos VII e X, ocupando, a partir dos Cárpatos, a região das bacias dos rios Oder e Vístula. A tribo dos Polanos estabeleceu-se no centro ao redor das atuais cidades de Gniezno e Poznań, enquanto a tribo dos Wiślanie na região central, onde hoje é a capital da Polônia, Varsóvia.

O termo Polônia surge apenas no século X, quando Mieszko I, que governava em Poznań, impõe sua autoridade na região. Com ele tem início a dinastia Piast, que se estendeu do século X ao XIV. Em 966, o líder dos polanos, expandiu seu domínio para outras tribos, unindo-as sob seu poder e unificando o território polonês. Mieszko casa-se com a princesa tcheca Dobrawa, aceitando o cristianismo como religião dominante. Siewierski, em *História da Literatura Polonesa*, lembra que “A Polônia de Mieszko I (963-992) já era um país consolidado, com cultura material desenvolvida e bons contatos econômicos e políticos com outros países.” (SIEWIERSKI, 2000, p.17)

Durante seu reinado, Mieszko I fundou o primeiro episcopado na cidade de Poznań em 968, conseguindo o reconhecimento da Polônia na comunidade européia e abrindo as portas para a escrita.

Seu filho Bolesław I deu continuidade à dinastia até 1025, data de sua coroação como rei. Chamado de O Valoroso, Bolesław I criou o arcebispado metropolitano de Gniezno tornando a Igreja da Polônia independente da do Sacro Império. Durante sua regência surgem as primeiras escolas e igrejas. As cidades crescem; novas tecnologias, obras de arte sacra e livros são trazidos por missionários de diversos países, possibilitando a modernização da estrutura do Estado.

Após esse período de coesão do Estado, em meados do século XII até o final do século XIII, ocorreu uma fragmentação em principados, ocasionando enfraquecimento em consequência das invasões dos tártaros e guerras com os países vizinhos. A Igreja permaneceu como único elemento de unidade, pois penetrara na massa; os mosteiros participaram da vida econômica, contudo a desorganização política e social instigou os germanos a reiniciar sua expansão territorial: apoderaram-se da Pomerânia, da terra de Chelmno e da Prússia. Os efeitos negativos dessa situação foram amenizados graças aos *“fundamentos da nova cultura, firmados na época dos primeiros reis da dinastia Piast, (que) possibilitam a resistência, a restauração e o crescimento”* (SIEWIERSKI, 2000, p.17)

A coesão do Estado foi restaurada por Casimiro I (1304-1058) – responsável pela transferência da capital para Cracóvia – por Bolesław II (1058-1079) e por Bolesław III (1102-1138), que reconquistou a Pomerânia. A linhagem segue com Henrique (1238-1241), que conteve os mongóis; Władysław I Łokietek (1320-1333), que restaurou a unidade do país sem a baixa Silésia e a Pomerânia, territórios germanizados.

Aproximando-se do fim da dinastia Piast, Casimiro III (1333-1348) unificou a legislação e a justiça e fundou a Universidade de Cracóvia. A dinastia seguinte, denominada de Jagellon, foi possível em virtude do

casamento de Hedwige, filha de Luís I, que havia sucedido Casimiro III, com Jagellon em 1386.

Em geral, os livros de História dão destaque a Mieszko como o primeiro importante regente da dinastia Piast, por ter sido o responsável pela adoção de uma nova religião, pela unificação do território e por ser o primeiro governante da Polônia confirmado por fontes modernas. Henryk Siewierski, professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília, autor de *História da Literatura Polonesa*, chama a atenção para o fato dos novos habitantes do terreno entre os rios Oder, Vístula e Bug serem bastante diferentes dos povos do Império Romano e que o confronto entre as culturas, divindades e histórias não deixava chances para a civilização que se formava, já que naquela época os romanos dominavam.

Porém, a memória das próprias origens não podia se perder completamente; através da transmissão oral ela alcançará os primeiros cronistas, reivindicando o seu lugar na história, na poesia e nos processos de formação da consciência e identidades coletivas. (SIEWIERSKI, 2000, p.9)

Gallus Anonimus (século XII) e Wincenty Kadłubek (século XIII) são os cronistas responsáveis pelo registro de lendas como a do Popiel, do camponês Piast, “protoplasta da primeira dinastia real”, sobre o rei Krak e sua filha Wanda, fundadores de Cracóvia, e a história dos três irmãos.

Os três predecessores de Mieszko I são conhecidos através da *Cronicae et gesta ducum sive principum Polonorum* (Crônicas e Feitos dos Duques ou Príncipes dos Poloneses) escritas por Gallus Anonymus. Segundo essas crônicas e a *Encyclopedia Powszechna*, os primeiros regentes da dinastia Piast foram: Siemowit (Ziemovit), Lestko (Leszek) e Siemomysł (Ziemomysł), que reinaram entre os séculos IX e X. Ainda segundo o Professor Siewierski “Até o século XVIII, a pré-história lendária fazia parte integral da história da Polônia e a sua veracidade raramente era contestada.” (SIEWIERSKI, 2000, p.10).

2.3 Mito Grego sobre Tróia

Assim como a História sobre a fundação de Tróia é bastante obscura, o mito sobre essa mesma fundação também é confuso. As versões sobre a origem da cidade, às vezes, diferenciam tanto nos nomes dos fundadores, quanto nos graus de parentesco.

De acordo com uma das versões sobre a origem de Tróia, numa época de grande fome o Príncipe Escamandro conduziu um terço dos habitantes de Creta na busca de novas terras. Chegados à Frígia, construíram abrigo próximo a uma alta montanha. Durante a noite foram atacados por ratos, os quais roeram tudo que era possível em sua equipagem bélica, então Escamandro decidiu erguer sua cidade naquele local, pois Apolo o havia aconselhado a fixar-se onde fossem atacados por inimigos saídos da terra. O príncipe desposou a ninfa Idéia com quem teve um filho, Teucro, que foi seu sucessor.

Já na versão dos atenienses, Teucro, natural do povoado de Troes, migrou para Frigia e lá recebeu Dárdano, filho de Zeus e de Plêiade Electra. Ao desposar Crise, Dárdano teve dois filhos Ideu e Deimas. Após um dilúvio, os irmãos separaram-se, Deimas ficou na Arcádia e Ideu partiu com o pai para fundar uma cidade em Samotrácia, a Dardânia.

Há uma versão desse mito que diz que Dárdano pretende fundar uma cidade na colina da Ate, mas Apolo avisa-o dos infortúnios que cairiam sobre essa terra, então Dárdano opta pelas terras na encosta do Monte Ida. Nessa versão apresentada por Graves, Ideu – filho de Dárdano – leva imagens sagradas à Tróade, possibilitando a iniciação do povo nos Mistérios da Samotrácia. Um oráculo garantiu-lhe que enquanto essas imagens fossem conservadas a cidade seria invencível. Graves diz que *“a tumba dele ainda se encontra na zona da Tróia a que chamavam de Dârdânia, antes dessa se haver ligado às povoações de Ílion e Trós para formar uma única cidade.”* (GRAVES, 1990, p.96).

Quanto à escolha do local para a nova cidade, Graves apresenta uma narrativa que relata que Ilo ao partir em direção a Frígia participa de jogos e

ganho na prova de luta cinquenta jovens e cinquenta donzelas e uma rês. O animal indicaria o lugar para a fundação da cidade ao deitar pela primeira vez. Ilo a seguiu e foi ao chegar na colina Ate que a rês deitou-se, onde foi erguida a cidade.

Os fundadores da cidade esperam um sinal dos deuses, numa das versões Ilo encontra em frente da sua tenda o Paládio, enviado por Zeus. O Paládio, era uma estátua de madeira sem pés, que:

Atenas fizera em memória de Palas, a sua companheira de jogos da Líbia, depois dela morrer. Palas, cujo nome Atena usava junto ao seu, tinha erguida na mão direita uma lança, e segurava na esquerda uma roca e um fuso; a envolver-lhe o peito, via-se-lhe a égide. (GRAVES, 1990, p.97)

Ilo foi aconselhado a manter a Deusa, pois assim conservará a cidade a salvo.

Sobre os célebres muros de Tróia, o mito conta que Lameodonte foi ajudado pelos deuses Apolo e Posídon, *“caídos em desgraça aos olhos de Zeus por se haverem rebelado contra ele, vendo-se forçados a trabalhar como jornaleiros.”* (GRAVES, 1990, p.98). Lameodonte não paga o combinado aos deuses, provocando-lhes a ira que explica porque apenas Príamo sobreviveu ao saque de Tróia conduzido por Hércules.

Príamo acreditava que o infortúnio da cidade se dava mais pela localização do que pela ira dos deuses. O mito diz que Príamo governava de forma prudente Tróia e já havia lhe restituído a prosperidade quando se deu o caso com os gregos, ou seja, a Guerra de Tróia.

Podemos notar que no mito, embora bastante confuso, aparecem algumas das destruições de Tróia, surgindo sempre outra no mesmo lugar, assim como conta a arqueologia, que encontrou cidades superpostas. O mito apresenta muitas personagens, alguns deles deuses, e abrange um longo período, desde a origem da cidade até a guerra, que a tornou famosa.

2.4 Lendas sobre os Primórdios do Povo Polonês

As lendas, assim como os mitos, também variam. Fenômeno absolutamente comum e até esperado em uma narrativa que passa de geração em geração oralmente, contudo no caso das lendas polonesas a variação é bem menor do que no mito grego.

A lenda sobre a fundação do Estado polonês diz que três irmãos, Lech, Czech e Rus, conduziram sua tribo na busca de um novo local para povoar, pois essa havia crescido tanto que a comida começara a escassear. Após muitos dias de caminhada, o primeiro irmão decidiu separar-se dos demais e seguir para o leste com os que quisessem o acompanhar. Assim a Rússia era fundada. O segundo irmão, Czech, escolheu estabelecer o país dos tchecos às margens do rio Veltava. Lech continuou sua caminhada rumo ao norte com os que haviam decidido ficar com ele. Ao parar numa clareira para descansar, Lech observou que no local havia abundância de caça e pesca, o rio era muito limpo e a terra fértil; decidiu consultar os anciãos da tribo para pedir conselhos sobre o lugar, os quais disseram que era hora de escolher a nova moradia, mas Lech ainda precisava de um sinal de bom presságio para começar a construção das casas e foi no entardecer que uma águia branca, ao pousar sobre seu ninho no alto de um carvalho com o céu avermelhado de fundo, deu o sinal que o mais novo dos irmãos precisava. A lenda fala da origem de Gniezno e do brasão da Polônia, uma águia branca em fundo vermelho.

Já o início da dinastia Piast é retratado na lenda sobre Piast Kołodziej, o carpinteiro de carroças, que recebe dois viajantes em sua casa na festa de sétimo aniversário de seu filho – data bastante importante por sua simbologia de iniciação. Os peregrinos participaram do ritual, cortando mechas do cabelo do menino e dando a ele seu nome. Com o passar dos dias, a família de Piast percebeu que não eram simples viajantes, pois a comida não diminuía na despensa. Com tanta fartura a casa da família estava sempre cheia, acolhendo viajantes e necessitados. A generosidade da família ajudou o Ziemovit a

crescer bom e corajoso, tornando-se respeitado por todos e levando-o ao governo do país quando Popiel, o governante morreu.

Popiel é mencionado na narrativa sobre Piast e seu filho, pois é este que o sucede, porém a lenda sobre esse mau governante tem foco nas suas ações e qual foi o seu fim. Popiel, casado com a princesa alemã Kunegunda, governava as terras da Grande Polônia, na cidade de Kruszwica. O casal, mais interessado em seu lazer, deixava o país em segundo plano o que incomodava os nobres, os cavaleiros e o povo. Os primeiros queixavam-se do empobrecimento do país, os segundos, da falta de proteção das fronteiras e os últimos clamavam pela diminuição dos impostos. Incomodados com as críticas, Popiel e Kunegunda resolveram livrar-se dos nobres e familiares inconvenientes. Prepararam uma armadilha, convidaram os mais importantes para uma festa, na qual todos foram envenenados. Decidiram jogar os corpos no lago Gopło e após alguns dias centenas de ratos apareceram no castelo. A lenda diz que os ratos perseguiram o casal e os devoraram como castigo por seu crime.

3. Lendas e Mitos: comparação

Apesar das versões das narrativas apresentarem algumas diferenças como, por exemplo, a da motivação que levou os fundadores das cidades a começarem sua trajetória é possível encontrar algumas semelhanças. Relacionamos aqui pontos em comum entre o mito grego e as lendas polonesas.

Tanto na lenda quanto no mito, a motivação que leva o povo a deslocar-se para um novo local é a escassez de comida. A narrativa da lenda inicia com:

Houve um tempo em que todos os povos eslavos moravam numa única terra e falavam todos a mesma língua, mas um dia essa tribo cresceu tanto que, tendo começado a comida escassear, decidiram eles sair em busca de outro lugar para viver. (KLACEWICZ, 2005, p. 65)

Já no mito: “A história que se conta da fundação de Tróia é que num tempo de grande fome um terço dos habitantes de Creta, às ordens do Príncipe Escamandro, partiu para fundar uma colônia.” (GRAVES, 1990, p.95). Outro ponto de semelhança é na proporção de pessoas que deixam sua cidade de origem para iniciar uma nova; assim como na lenda, no mito também há divisão em três partes. Número presente em muitos contos, fábulas, lendas, por apresentar uma simbologia da natureza tríplice de Deus (criação – conservação – destruição); a solução do dualismo e os três ciclos de vida (nascimento – apogeu – morte).

Numa das versões da lenda (anexo C) não é a fome que motiva os três irmãos a buscar novas terras, mas sim sua bravura. Isso poderia invalidar uma comparação com o mito sobre a fundação de Tróia, mas nessa narrativa também há versões que não trazem a fome como principal motivação. Em uma das versões é a dor pela morte do irmão que leva Dárdano a procurar nova moradia, em outra a saída em busca de um novo local surge depois de um dilúvio.

Se desejássemos traçar as características de uma narrativa fundadora, seja ela lenda, seja mito, podemos inferir, então, que é preciso a necessidade

de algo novo por parte das personagens ou que uma situação atual seja modificada, como no exemplo das narrativas que trazem a fome como causa do deslocamento do povo.

Seguindo nossa análise comparativa, na lenda polonesa um povo dá origem a outro, no caso dessa narrativa os eslavos ao dividirem-se dão origem a três países, já no mito grego os habitantes de Creta dão origem aos teucreses e mais tarde aos troianos. Uma segunda característica das narrativas fundadoras poderia ser a transformação de um objeto em outro, no caso estudado, os povos são esse objeto, pois a partir do deslocamento e do estabelecimento em novo local, os habitantes precisam adaptar-se às novas condições e conseqüentemente mudam seu comportamento. Na lenda polonesa percebemos bem essa ação, pois um povo que morava junto e tinha os mesmos costumes ao separar-se começa a delinear novos costumes e procedimentos, os poloneses, tchecos e russos apresentam algumas semelhanças, mas também diferenças. Um bom exemplo é a agricultura, pois os povos tiveram de adaptar-se às circunstâncias impostas pelo meio, tornando a produção agrícola da Polônia baseada na batata e na beterraba açucareira, da Rússia em cereais como trigo e cevada e da República Tcheca em trigo.

Já no que diz respeito à escolha do novo local para a povoação, no mito grego há a indicação dos deuses: *“Apolo tinha-os aconselhado a fixarem-se no local onde fossem atacados,”* (GRAVES, 1990, p.95) ou ainda:

Quando os limites da cidade ficaram traçados, Ilo pediu a Zeus-*Todo-Poderoso* que se manifestasse por meio de um sinal, e na manhã seguinte, mesmo em frente da sua tenda, avistou um objecto de madeira, meio enterrado na areia e coberto de ervas daninhas. (GRAVES, 1990, p.97)

Na narrativa polonesa não há diálogo com deuses, a escolha do local é feita pelo próprio Lech, aconselhado pelos sábios da tribo, eles apenas esperam um sinal de bom presságio, mas não atribuem a eles essa escolha.

Lech achou que aquele era o lugar perfeito para ficar, e então chamou os velhos da tribo e pediu-lhes um conselho. (...) Lech decidiu, então, ficar naquele lugar. Porém, como era o hábito naqueles tempos, todo o acampamento ficou esperando um

sinal dos deuses para que pudessem finalmente dar início à construção da aldeia.

Então, de repente, ouviu-se um estranho bater de asas e todos viram, no alto do céu avermelhado do entardecer, uma grande águia branca que pousou em seu ninho no topo de um velho carvalho no alto do morro. Contra o céu do crepúsculo, a figura da águia brilhava como prata com sua penugem toda branca, e os anciãos disseram:

- Este é o bom presságio que esperávamos. Podem começar a erigir a primeira casa. (KLACEWICZ, 2005, p. 68)

Aqui surge uma diferença: no mito há duas possibilidades de opção do novo lugar. Ou ele já é pré indicado pelos deuses, ou, assim como na lenda, depois da escolha um sinal de aprovação dos deuses é esperado, o que aproxima novamente o mito da lenda. Traçamos aqui uma terceira característica para a narrativa fundadora: a presença do divino, que pode ser mais direta e explícita, como no mito, ou mais indireta e menos explícita, como na lenda, que mostra a abundância de comida, o respeito aos conselhos dos mais velhos e da espera de um sinal. Esse três itens também aparecem na lenda sobre Piast, que é um bom conselheiro, recebe como benção fartura de alimentos e os estranhos dão um bom sinal sobre o futuro do pequeno Ziemovit.

Percebemos que a história que o mito conta abrange mais fatos dos que a lenda. No mito grego há referências à construção da cidade: *“Foi ele (Lameodonte) quem decidiu construir os célebres muros de Tróia, em cuja obra teve a sorte espantosa de poder contar com os serviços dos deuses Apolo e Posídon,...”* (GRAVES, 1990, p.98), na sequência o mito explica porque os troianos, com exceção de Príamo, pereceram no saque realizado por Hércules:

Mas Lameodonte ludibriou os deuses nas contas que lhes devia pagar, incorrendo por esse motivo no seu mais profundo desagrado e provocando-lhes uma ira tal, que foi por essa razão que tanto ele como todos os filhos – com exceção de Podarces a quem hoje chamam de Príamo – pereceram durante o saque de Tróia de que Heracles foi o autor. (GRAVES, 1990, p.98)

Nas lendas que contam os primórdios do povo polonês não são relatados os passos da construção das primeiras cidades, o foco da narração está no comportamento das personagens. A lenda sobre os três irmãos mostra a busca de Lech, Czech e Rus por novos territórios e de seus esforços; a lenda sobre Popiel, fala sobre a conduta do príncipe que recebe como castigo a morte, por ser um governante ruim e envenenar familiares e nobres – possíveis concorrentes ao trono –, por fim, a lenda sobre o início da dinastia Piast, mais uma vez fala sobre comportamento, focando o relato na generosidade da família. Enquanto a narrativa sobre Popiel conta o castigo aplicado a um mau líder, a lenda sobre Piast, conta a recompensa recebida em troca da generosidade com os viajantes desconhecidos. Nessa lenda, dependendo da versão, vemos os primeiros indícios de que a Polônia transformar-se-ia em um país cristão. No texto de Magdalena Grądzka (anexo G), os peregrinos fazem *“um misterioso sinal acima da cabeça do menino”*, no que claramente é seu batizado. Já na versão de Cecylia Niewiadowska (anexo H) é clara a referência ao cristianismo: *“Permitam-nos, irmãos, abençoar o menino em nome de nosso deus. – E fazendo o sinal da cruz disse – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo te batizo Ziemowicie. Que a benção de Deus esteja sobre ti, tua casa e teus filhos.”*

Uma quarta característica sobre as narrativas de fundação pode ser apontada. A história sobre a origem de algo aponta um comportamento e suas consequências. No mito, o porquê de Tróia ser destruída é explicado, assim como o porquê da dinastia Piast ser a primeira da História da Polônia.

Por fim, vemos mais um ponto de relação entre o mito grego e as lendas, que é a presença de um objeto, de um símbolo. Na definição sobre as Formas Simples André Jolles diz *“que cada Forma Simples pode transmitir seu poder a um objeto e que esse objeto é então investido do poder de sua Forma.”* (JOLLES, 1976, p.217). No mito aparece o paládio, estátua que lançada a terra por Zeus, torna-se imagem de culto em Tróia e, até um templo é construído para a proteção do paládio, pois um oráculo disse que enquanto a estátua estiver nos limites dos muros da cidade a cidade conservar-se-ia intacta pelos inimigos, assim é investido poder ao objeto. Na lenda polonesa, encontramos a águia, muitas vezes relacionada a força e majestade, que se torna o símbolo

de uma nação. Ao colocar a águia na bandeira do país, essa também é investida de poder.

Vimos que a lenda de fundação do Estado polonês e o mito grego sobre Tróia apresentam semelhanças quanto à motivação para a busca de um novo lugar, quanto à divisão da população em três partes, quanto à uma família separar-se e fundar novas cidades, quanto à escolha do local e quanto à presença de um símbolo, assim como as diferenças quanto à participação divina nessas situações.

Assim como no mito de fundação, a lenda dos três irmãos explica a origem de uma cidade, de uma nação e de um povo; as lendas sobre Piast, antecidas pelas narrativas sobre Popiel, nos contam a origem de uma das mais longas e conhecidas dinastias polonesas, mas ao contrário do mito não há interferência dos deuses, com exceção de algumas versões sobre o batizado de Ziemovit – filho de Piast - que já trazem esse caráter divino. Mesmo com esses indícios da participação dos deuses na escolha dos novos governantes, a benção é dada pela generosidade, sabedoria e bondade que Piast tinha, ou seja, os deuses ajudam-no, mas não são os principais responsáveis por sua conduta. Piast é bom e por isso é recompensado, por isso é respeitado pelo povo. Na narração sobre a fundação de Gniezno, primeira capital polonesa, Lech espera um sinal dos deuses para começar a construção da cidade; os deuses, porém, não o ajudam na construção como em Tróia e eles não determinam o destino do povo, como no saque da cidade troiana anos depois, não há contato direto entre os seres humanos e divinos.

Baseando-se no que Jolles apresenta sobre lenda e mito, a principal diferença entre essas Formas Simples é a disposição mental; enquanto a primeira fragmenta a realidade para propor um modelo imitável, tomando como importante não a existência humana num todo, mas o momento, o instante de uma determinada ação da personagem, a segunda é criação, é a busca do saber absoluto o qual se produz quando um objeto se cria numa interrogação e em sua resposta. Acreditamos que ao delinear as convergências e as divergências entre o mito de fundação grego e as lendas polonesas foi possível

perceber e entender melhor o caráter fundador presente nas narrativas polonesas.

Considerações Finais

Neste trabalho propusemo-nos a analisar o caráter fundador nas lendas polonesas, principalmente na dos três irmãos Lech, Czech e Rus. Para isso, traçamos uma comparação com o mito grego sobre a fundação de Tróia.

O primeiro passo dessa pesquisa foi estudar os conceitos apresentados por diferentes autores acerca dessas narrativas. Percebemos que a linha que separa uma da outra é muito tênue e por isso são tão facilmente confundidas e usadas como sinônimos. Ao analisar a obra *Formas Simples* de André Jolles, verificamos que a principal diferença está na disposição mental de cada uma, enquanto a lenda propõe um modelo, o mito procura um saber. Lech e Piast são exemplos de boa conduta, de respeito ao outro – Lech aprecia a palavra dos mais velhos e Piast recebe estrangeiros em sua casa. A lenda sobre Popiel é o que Jolles chamou de anti-legenda, ele não é um modelo imitável, todavia deixa claro o que não se deve fazer. O mito parece perguntar e responder porque a cidade foi tantas vezes destruída e erguida.

Nosso segundo objetivo era delinear os limites entre a História e as narrativas. Percebemos que as lendas, por relacionar-se com o real, são um meio agradável de conhecer a história do país. As narrativas polonesas falam sobre os tempos mais antigos, sobre a formação de cidades, sobre reis e príncipes, sobre os feitos mais importantes, sejam eles praticados por nobres, sejam por pessoas simples. De modo simples e eficaz, as lendas guardaram a história do povo quando a nação polonesa, por 123 anos, perdeu o direito de existir como país nos mapas da Europa.

Podemos enxergar que os mitos e lendas dão origem a obras literárias, como a *Ilíada* de Homero e nas obras de autores poloneses como destaca Siewierski:

Depois do Romantismo, o passado mítico-lendário foi de novo questionado pela ciência, mas o seu confronto com as verdades da história não comprometeu a sua presença e o seu reconhecimento como fonte de outras verdades.

No modernismo ele volta a suscitar interesse, ganhando novas versões nas obras dos maiores escritores da época, como Stanisław Wyspiański e Stefan Żeromski. (SIEWIERSKI, 2000, p.15)

E ao comparar o mito com as lendas, procuramos estabelecer algumas características possíveis das narrativas fundadoras como: necessidade de mudança; transformação da situação inicial; um sinal de aprovação; explicação de uma conduta que origina uma consequência. Sabemos que para determinar características é necessário analisar muitas outras narrativas, mas apresentamos aqui alguma hipóteses iniciais para esse assunto.

Estudar as narrativas folclóricas é bastante trabalhoso por essas apresentarem diferentes versões e registros, ainda mais as lendas e mitos de países que são pouco estudados no Brasil. A busca por material nessa área talvez tenha sido uma das maiores dificuldades, porém esse trabalho torna-se um convite para o estudo de histórias tão belas e cativantes. As histórias dos povos curtas ou longas, impressas ou contadas de boca a boca, são registros da manifestação espiritual dos indivíduos e das sociedades, são o retrato da cultura popular e por isso acreditamos que merecem seu espaço no estudo da ciência literária.

Referências

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

BALDINI JR., Wilson. **Conquistas fazem de Cielo candidato a mito nacional**. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090802/not_imp412283,0.php. Acesso em 18 de novembro de 2009.

BAYARD, Jean-Pierre. **História das Lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957 [Coleção Saber Atual].

BLEGEN, Carl W. **Tróia e os troianos**. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

CHAUI, Marilena. **O mito fundador do Brasil**. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/mitofundacaochaui.html>> Acesso em 18 de novembro de 2009.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

GRĄDZKA, Magdalena. **Legendy Polskie**. Warszawa: WILGA, [].

GRAVES, Robert. **Os Mitos Gregos**. Trad. Fernanda Branco. 3º Volume. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

JOLLES, André. **Formas Simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KLACEWICZ, Anna; WIERZCHOWSKI, Letícia. **O dragão de Wawel e outras lendas polonesas**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MATHEW, Donald. **A Europa Medieval: Raízes da Cultura Moderna**. Rio de Janeiro: Edições Del Prado, [] (Grandes Impérios e Civilizações – Volume I)

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

PORTAL, Roger. **Os eslavos: povos e nações**. Lisboa: Cosmos, 1968.

SIEWIERSKI, Henryk. **História da Literatura Polonesa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore Literário e Lingüístico; pesquisas de literatura oral e de linguagem popular**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

WYGONIK, Edyta(org). **Legendy Polskie**. Kraków: Wydawnictwo Zielona Sowa, 2003.

Encyclopedia Powszechna. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1975.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultural, 1999.

<http://www.esteticabr.com/mito-ou-verdade-diminuir-o-numero-de-refeicoes-por-dia-emagrece/>

ANEXOS

ANEXO A

e o matou. Mais tarde, Posídon colocou a imagem da popa do *Argo*, inocente, no fim de contas, deste homicídio, no meio das estrelas³.

c. Quanto a Medeia, essa não morreu mas tornou-se imortal, e reinou nos Campos Elisios onde, segundo dizem, em lugar de Helena, casou-se ela com Aquiles⁴.

d. E Átamas, que por não ter sacrificado Friso foi a causa da expedição dos Argonautas, quando ia justamente ser sacrificado em Orcômeno, já que o Oráculo de Zeus Lafístio exigia que se tomasse tal medida expiatória, regressou de Eea o seu neto Citísoro e salvou-o. Isto provocou a ira de Zeus, que decretou que de futuro e para toda a eternidade, todo o filho mais velho dos Atamântidas não teria acesso à Assembleia, sob pena de morte; decreto que desde então foi estritamente observado⁵.

e. O regresso dos Argonautas às suas pátrias originou as mais variadas histórias, mas a do Grande Anceu, o homem do leme, é a mais interessante. Depois de ter sobrevivido a todos os dissabores e a perigos imensos, regressou ao seu palácio de Tegeia, onde uma ocasião um adivinho o aconselhara a nunca provar o vinho de umas cepas que ele havia plantado há uns anos atrás. No dia em que chegou, disseram a Anceu que o seu feitor tinha colhido as primeiras uvas e que portanto o vinho estava pronto à sua espera. Ele encheu uma taça, levou-a aos lábios e, mandando chamar o adivinho, fez-lhe uma forte reprimenda pela sua falsa profecia. Respondeu-lhe o adivinho: «Senhor, do prato à boca se perde a sopa!» E nesse instante, entrou um criado de Anceu a gritar: «Meu senhor, um javali selvagem! Está a destruir toda a vossa vinha!» Anceu pousou a taça ainda por beber, empunhou a sua lança de caçar javalis e saiu rapidamente; mas o javali escondera-se atrás de um silvado e, caindo-lhe em cima bruscamente, matou-o⁶.

¹ Diodoro Siculo: IV. 54; Apolodoro: I. 9. 28; Plutarco: *Teseu* 12; Sérvio sobre *Eneida* de Virgílio VII. 750.

² Ptolemeu Héfaístion: V; Diodoro Siculo: IV. 55-66. 2; Higino: *Fábulas* 26; Justino: XLII. 2; Tácito: *Anais* VI. 34.

³ Diodoro Siculo: IV. 55; Escoliasta de *Hipótese* de Eurípidas: *Medeia*; Higino: *Astronomia Poética* XXXVI.

⁴ Escoliasta de Eurípidas: *Medeia* 10; e de Apolónio de Rodas: IV. 814.

⁵ Heródoto: VII. 197.

⁶ Escoliasta de Apolónio de Rodas: I. 185.

⁷ Um culto de Deméter, enquanto deusa da Terra, praticado na Ática deu origem à história da estadia de Medeia em Atenas (ver 97. b), da mesma forma que alguns cultos semelhantes explicam as suas visitas a Tebas, à Tessália e à Ásia Menor; mas os Marrubos emigraram possivelmente para a Itália vindos da Líbia, onde os Psilos eram mestres na arte de encantar serpentes (Plínio: *História Natural* VII. 2). O reino de Medeia nos Campos Elisios não é muito compreensível: sendo ela uma deusa que tinha à sua disposição o caldeirão da regeneração, ela poderia dar aos heróis a possibilidade de terem uma nova vida sobre a terra (ver 31. c). Helena (hũa) seria um dos seus títulos (ver 159. J).

⁸ Na idade heróica, ao que parece, o rei de Orcômeno, quando o seu reino atingia o termo, era conduzido, com fins sacrificiais, para o topo do Monte Lafístion. Este rei era igualmente um sacerdote de

Zeus Lafístio, função hereditária no clã matrilinear miníó; e no período das Guerras Pérsicas, segundo Heródoto, o chefe do clã ainda era obrigado a assistir ao Grande Conselho, quando o convocavam para o sacrifício. Ninguém, no entanto, o forçava a obedecer a essa convocação, parecendo, de acordo com o relato de Heródoto, que o representava um seu substituto, excepto em caso de catástrofes nacionais, nomeadamente pestes ou secas, ocasiões essas em que ele se sentia obrigado a assistir pessoalmente.

As mortes de Jasão e de Anceu são contos de cunho moral que chamam a atenção para os perigos da fama excessiva, da riqueza ou do orgulho desmesurados. Mas enquanto Anceu morre como rei na sua própria cidade, ferido pelas defesas de um javali (ver 18. 7). Jasão, à semelhança de Belerofonte (ver 75. J) e de Édipo (ver 105. b), vagueia de cidade em cidade, odiado pelos homens, acabando por morrer vítima de acidente. No Istmo onde Jasão reinou, era costume precipitar o *pharmakos* real do alto de um penhasco, mas salvavam-no por meio de um barco que o aguardava no mar, e baniu-no para uma vida de mendigo anónimo, carregando consigo a sua desventura (ver 89. 6 e 98. 7).

³ Sir Isaac Newton foi o primeiro, tanto quanto eu saiba, a chamar a atenção para a relação entre o Zodíaco e a viagem do *Argo*, e a lenda pode perfeitamente ter sido influenciada, na Alexandria, pelos Signos do Zodíaco: o Carneiro de Friso, os Toiros de Etes, os Dioscuros, Gémeos Divinos, o Leão de Retia, a Balança de Alcínoo, os Carregadores de água de Egina, Héracles o Arquero, Medeia a Virgem, e a Cabra, símbolo de luxúria, para recordar o amor praticado em Lemnos. Quando se utilizam os Signos do Zodíaco egípcio, surgem os elementos que faltam: a Serpente em lugar do Escorpião, e o EscaravELHO, símbolo de regeneração, em lugar do Caranguejo, ou Câncer.

A FUNDAÇÃO DE TRÓIA

A história que se conta da fundação de Tróia é que num tempo de grande fome um terço dos habitantes de Creta, às ordens do Príncipe Escamandro, partiu para fundar uma colónia. Chegados à Frígia, armaram as tendas à beira-mar, a pouca distância da cidade de Hamaxitos¹, ao abrigo de uma alta montanha a que chamaram Ida, em honra da pátria cretense de Zeus. Apolo tinha-os aconselhado a fixarem-se no local onde fossem atacados, a coberto da escuridão por inimigos saídos da terra, e nessa mesma noite uma chusma de ratos famintos invadiu-lhes as tendas, roendo tudo quanto fossem cordas de arcos, correias de couro dos escudos, e o mais que houvesse de comestível entre a equipagem bélica dos Cretenses. Então Escamandro decidiu interromper aqui a sua marcha, dedicou um templo a Apolo Smitio (em redor do qual cedo cresceu a cidade de Smition), e desposou a ninfia Ideia que lhe deu um filho, Teucro. Com a ajuda de Apolo, os Cretenses destroçaram os seus novos vizinhos, os Bebrícios, mas em pleno combate Escamandro saltou para dentro do rio Xanto, que a partir daí passou a ter o seu nome. Teucro, graças ao qual os colonos tomaram o nome de Teucrenses, foi o seu sucessor. No entanto, há quem diga que foi o próprio Teucro quem conduziu os imigrantes cretenses até aqui, e que, na

Frigia, Dárdano o acolheu com toda a hospitalidade, dando-lhe a filha em casamento e chamando Teucreses aos seus próprios súbditos².

b. Os Atenienses contam uma história totalmente diferente. Negam muito simplesmente que os Teucreses tenham vindo de Creta, e relatam que um certo Teucro, natural do demo de Troes, emigrou de Atenas para a Frígia, e que foi Dárdano, filho de Zeus da sua união com a Pleíade Electra, e oriundo de Féneo, na Arcádia, que foi recebido na Frígia por esse tal de Teucro, e não o inverso. Para comprovar esta tradição, alegam que Ericciónio figura simultaneamente na genealogia da casa real de Atenas e da casa real teucresca³. Dárdano, prosseguem os Atenienses, desposou Crise, a filha de Palas, que lhe deu dois filhos, Ideu e Deimas. Estes, durante algum tempo, governaram no reino da Arcádia que Atlas fundara, mas separou-os a calamidade do Dilúvio de Deucalião. Deimas deixou-se ficar na Arcádia, enquanto Ideu partiu com Dárdano, seu pai, para a Samotrácia, que juntos colonizaram passando a ilha a chamar-se Dardânia. Crise trouxera a Dárdano como dote as imagens sagradas das Grandes Divindades de que era sacerdotisa, e ele introduziu o seu culto na Samotrácia, embora mantendo secretos os seus verdadeiros nomes. Dárdano fundou também um colégio de sacerdotes Sálios para cumprirem os ritos necessários, os mesmos, no fim de contas, que os Curetes cretenses executavam⁴.

c. A dor que lhe causou a morte de seu irmão Iásion, levou Dárdano a cruzar os mares até alcançar a Tróade. Chegou aqui solitário, numa jangada feita de peles insufladas, com quatro pedras a servir de lastro. Teucro acolheu-o com toda a hospitalidade e, sob a condição de ele o ajudar a dominar algumas tribos vizinhas, deu-lhe uma parte do reino e a mão da princesa Batiécia. Há quem diga que esta Batiécia era tia de Teucro, outros que era sua filha⁵.

d. Dárdano propunha-se fundar uma cidade na pequena colina de Ate que se eleva da planície onde hoje se encontra Tróia, ou Ílion; mas como um oráculo de Apolo Frígio o avisou de que infórtunios constantes cairiam sem tréguas sobre os seus habitantes, optou por um local nas encostas mais baixas do Monte Ida, e chamou Dardânia à sua cidade⁶. Depois da morte de Teucro, Dárdano herdou a restante parte do reino, deu-lhe o seu nome e estendeu o seu poder a várias nações asiáticas; ainda fundou colónias na Trácia, e mesmo mais longe, para lá deste território⁷.

e. Entretanto, Ideu, o filho mais novo de Dárdano, tinha vindo ter com ele a Tróade, trazendo consigo as imagens sagradas, o que permitiu a Dárdano iniciar o seu povo nos Mistérios da Samotrácia. Por essa altura, um oráculo garantiu-lhe que a cidade que ele ia fundar conservar-se-ia invencível unicamente o tempo que o dote de sua mulher estivesse sob a protecção de Atena⁸. A tumba dele ainda se encontra na zona de Tróia a que chamavam Dardânia, antes desta se haver ligado às povoações de Ílion e Trós para formar uma única cidade. Ideu fixou-se nos Montes de Ida, que dizem ter este nome graças a ele, e aí instituiu o culto e os Mistérios da Mãe dos Deuses frigia⁹.

f. Diz a tradição latina que o pai de Iásion era o príncipe tirreno Coritos, e o seu gémeo, Dárdano, era filho de Zeus e da própria mulher de Coritos, Electra. Os dois emigraram da Etrúria, depois de terem dividido entre eles aquelas imagens sagradas, partindo Iásion para a Samotrácia, e Dárdano para a Tróade. Ao enfrentarem os Bebrícios, que pretendiam repelir os Tirrenos empurrando-os de novo para o mar, Dárdano perdeu o elmo e, apesar das suas tropas se prepararem já para bater em retirada, fê-las retroceder para o reaver. Desta feita, conseguiu a vitória, e em pleno campo de batalha fundou uma cidade à qual chamou Coritos, em memória do elmo que perdera (*corys*) e também de seu pai¹⁰.

g. Ideu tinha dois irmãos mais velhos, Ericciónio e Ilo, ou Zacinto, e uma irmã, Ideia, que viria a ser a segunda mulher de Fineu. Quando Ericciónio sucedeu ao trono de Dárdano, desposou Astioque, filha de Simois, que gerou dele Trós¹¹. Igualmente apontado como rei de Creta, Ericciónio era um dos homens mais ricos do seu tempo, dono e senhor das três mil éguas pelas quais Bóreas se perdeu de amores. Trós sucedeu a seu pai Ericciónio, e não só a cidade de Tróia como toda a Tróade adoptaram o seu nome. De sua mulher Calirroé, uma filha de Escamandro, teve Cleópatra a Jovem, Ilo o Jovem, Assáraco e Ganimedes¹².

h. Entretanto, Ilo, o irmão de Ericciónio, partira para a Frígia, aí participou, nuns jogos que estavam então em curso e, tendo ganho a prova de luta, recebeu como prémio cinquenta jovens varões e outras tantas donzelas. O rei da Frígia (cujo nome agora já se perdeu da memória) ofereceu-lhe também uma vaca malhada, recomendo-lhe que fundasse uma cidade no primeiro local onde a rês se deitasse. Ilo seguiu-a, e a vaca deitou-se justamente ao chegar à colina de Ate, e aí ele construiu a cidade de Ílion, em redor da qual, no entanto, para seguir os conselhos que o oráculo dera a seu pai Dárdano, não ergueu fortificações. Há quem diga, porém, que foi uma das vacas frigias de Ilo que este seguiu, e que foi às instruções de Apolo que obedeceu. Mas outros afirmam que Ílion foi fundada por imigrantes lóctrios, e que estes deram o nome do seu monte Friconis à montanha troiana de Cime¹³.

i. Quando os limites da cidade ficaram traçados, Ilo pediu a Zeus-Todo-Poderoso que se manifestasse por meio de um sinal, e na manhã seguinte, mesmo em frente da sua tenda, avistou um objecto de madeira, meio enterrado na areia e coberto de ervas daninhas. Era o Paládio, uma estátua sem pés, de três côvados de altura, que Atena fizera em memória de Palas, a sua companheira de jogos da Líbia, depois dela morrer. Palas, cujo nome Atena usava junto ao seu, tinha erguida na mão direita uma lança, e segurava na esquerda uma roca e um fuso; a envolver-lhe o peito, via-se-lhe a égide. Atena primeiro colocara a imagem no Olimpo, ao lado do trono de Zeus, onde era objecto da maior veneração; mas quando a bisavó de Ilo, a Pleíade Electra, foi violada por Zeus e a conspurcou ao tocar-lhe, Atena, furiosa, atirou-a para a terra juntamente com a estátua¹⁴.

j. Apolo Sminíonio deu então a Ilo o seguinte conselho: «Conserva a Deusa que caiu dos céus, e assim conservarás a tua cidade: pois para onde quer que ela vá, leva

consgo impérios!» E ele ergueu um templo na cidadela para albergar a imagem¹⁵.

k. Alguns dizem que o templo já estava a ser construído quando a imagem caiu do céu, como dádiva da deusa. Penetrou por uma parte do telhado que ainda não estava terminada, e foram encontrá-la exactamente no seu devido lugar¹⁶. Outros dizem que Electra tinha dado o Palácio de Dárdano, o filho que ela tivera de Zeus, e que a levaram da Dardânia para Ílion depois da morte daquele¹⁷. Ainda há quem afirme que ela caiu do céu em Atenas, e que o ateniense Teucro a levou consigo para a Tróade. Outros creem mesmo que existiam dois Paládios, um ateniense e outro troiano, este último esculpido dos ossos de Pélops, da mesma forma que a imagem de Zeus em Olímpia fora talhada do marfim da Índia; ou então, que havia vários Paládios, todos eles tendo caído do céu, incluindo as imagens da Samotrácia que Ideu trouxera para a Tróade¹⁸. O Colégio das Vestais em Roma guarda agora o que se julga ser o verdadeiro Paládio. Nenhum homem o pode olhar impunemente. Uma ocasião, encontrava-se ele ainda nas mãos dos Troianos, Ilo correu precipitadamente para o salvar, porque souo um alarme de incêndio, e ficou cego por se haver esforçado em vão; mais tarde, porém, conseguiu aplacar Atena e recuperou a vista perdida¹⁹.

l. Eurídice, filha de Adrasto, deu a Ilo Laomedonte e Temista; esta desposou Cápis, o Frígio e, segundo dizem, viria a ser a mãe de Anquises²⁰. De Estrimo, filha de Escamandro e de Leucipa, ou Zeuxipa, ou Toonsa, teve Laomedonte cinco filhos: Títono, Lampo, Clíio, Hicetão e Podarces; e também três filhas, Hesione, Cila e Astíquia, e da ninfa-pastora Calibe teve dois gémeos bastardos. Foi ele quem decidiu construir os célebres muros de Tróia, em cuja obra teve a sorte espantosa de poder contar com os serviços dos deuses Apolo e Posídon, então caídos em desgraça aos olhos de Zeus por se haverem rebelado contra ele, vendo-se forçados a trabalhar como jornaleiros. A Posídon coube a tarefa de construção; quanto a Apolo, tocava a sua lira e alimentava os rebanhos de Laomedonte, e Éaco, o Lélege, deu uma mão a Posídon na sua obra. Mas Laomedonte ludibriou os deuses nas contas que lhes devia pagar, incorrendo por esse motivo no seu mais profundo desagrado e provocando-lhes uma ira tal, que foi por essa razão que tanto ele como todos os filhos — com excepção de Podarces a quem hoje chamam Príamo — pereceram durante o saque de Tróia de que Hércules foi o autor²¹.

m. Príamo, a quem Hércules concedeu generosamente o trono de Tróia, presunuiu que a calamidade que se havia abatido sobre a cidade certamente se devia mais à sua infornada localização que à cólera dos deuses. Decidiu, por conseguinte, enviar um dos seus sobrinhos a Delfos para perguntar à Pitonisa se sobre a colina de Ate ainda pendia alguma maldição. Mas sucedeu que o sacerdote de Apolo, Pântoo, o filho de Orias, era de tal modo formoso que o sobrinho de Príamo, esquecendo-se de todo em todo da missão a que vinha, apaixonou-se por ele e levou-o para Tróia. Embora irritado, Príamo não teve coragem de punir o sobrinho. Para reparar a ofensa cometida, nomeou Pântoo sacerdote de Apolo e, já com alguma vergonha de tornar

a consultar a Pitonisa, reconstruiu Tróia sobre as mesmas fundações. A primeira mulher de Príamo foi Arisbeia, filha de Mérope, o adivinho. Depois desta ter gerado dele o filho Ésaco, casou-a com Hírtaco, de cuja ligação viria a tornar-se a mãe dos Hírtácidas: Ásio e Niso²².

n. Este Ésaco, que aprendera com seu avô Mérope a arte de interpretar os sonhos, tornou-se famoso pelo profundo amor que votava a Astéroe, uma filha do rio Cébrren: quando da morte desta, tentou vezes sem conta atrair-se de um penhasco para o mar, até que por último os deuses, compadecidos com o seu estado lastimoso, o transformaram num mergulhão: assim, já podia dar largas à sua obsessão duma forma mais decente e digna²³.

o. Hécabe, a segunda mulher de Príamo — a quem os Latinos chamam Hécuba — era filha de Dimas e da ninfa Eunoé; ou, segundo dizem alguns, de Cisseu e Telecleia, ou do rio Sangário e de Mérope, ou ainda de Glaucipa, a filha de Xanto²⁴. Deu a Príamo dezanove dos seus cinquenta filhos, sendo os restantes rebentos das suas ligações com concubinas; os cinquenta rapazes dormiam todos em quartos contíguos de pedra polida. As doze filhas de Príamo dormiam com os respectivos maridos numa outra ala do palácio, dando porém para o mesmo Pátio²⁵. O filho mais velho de Hécuba foi Héitor, que há quem diga ser filho de Apolo; a seguir, gerou Páris, depois Creusa, Ládice e Polixena; teve depois Déifobo, Heleno, Cassandra, Pámon, Polites, Antifo, Hipóono e Polídoro. Mas quanto a Troilo, é quase certo que ela o gerou de Apolo²⁶.

p. Dois dos filhos mais novos de Hécuba eram os gémeos Cassandra e Heleno. Na festa do seu aniversário, que decorreu no santuário de Apolo Timbriano, os garotos ficaram tão cansados de brincar que adormeceram a um canto, enquanto os pais, bastante bem bebidos para sequer se lembrarem deles, regressaram a casa ébrios e aos tombos. Quando mais tarde Hécuba tornou ao templo, deparou com as serpentes sagradas a lamberem os ouvidos dos filhos e começou a gritar aterrorizada. As serpentes escaparam-se rapidamente para uma pilha de ramos de louro, mas a partir daquele momento tanto Cassandra como Heleno ficaram a possuir o dom da profecia²⁷.

q. Há quem conte este caso de um modo diferente: num dia Cassandra adornmeceu no templo, e apareceu-lhe Apolo que lhe prometeu ensiná-la na arte da profecia se ela fizesse amor com ele. Cassandra, depois de aceitar a sua oferta, voltou com a palavra atrás e escusou-se a unir-se com ele; mas Apolo pediu-lhe que ao menos lhe desse um beijo, e no momento em que ela o beijou ele cuspiu-lhe para a boca, ficando certo de que com isto mais ninguém doravante iria acreditar em profecias que ela fizesse²⁸.

r. Quando Príamo, após vários anos de governação prudente, tinha restituído a Tróia a sua antiga prosperidade e todo o seu poderio, convocou um Conselho para discutir o caso de sua irmã Hesione, que o Eácida Telamon havia levado para a Grécia. No que tocava a Príamo, este achava que a solução era o recurso à força, mas

o Conselho opinou unanimemente que primeiro se deveria tentar o uso da persuasão. Assim sendo, o seu cunhado Antenor e o seu primo Anquises foram à Grécia e transmitiram as reivindicações dos Troianos aos Gregos, reunidos em assembleia na corte de Télamon; mas, com o maior dos desdêns, os Gregos mandaram-nos dar uma volta e meterem-se na sua vida... Este incidente foi uma das causas principais que levou à Guerra de Tróia²⁹, cujo desenrolar sombrio Cassandra já andava prognosticando. Para evitar o escândalo, Príamo encerrou-a num edifício em forma de pirâmide que existia na cidadela; a carcereira que a guardava tinha ordens expressas para o pôr ao corrente de todos os ditos proféticos que lhe ouvisse³⁰.

¹ Estrabão: XIII. 1. 48.

² Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio, III. 108; Estrabão: *loc. cit.*; Tzetzes: *Licófron* 1302.

³ Apolodoro: III. 12. 1; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio, III. 167; Estrabão: *loc. cit.*

⁴ Dionísio de Halicarnasso: *Antiquidades Romanas* I. 61 e II. 70-1; Eustrácio sobre a *Ilíada* de Homero p. 1204; Cónon: *Narrativas* 21; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VIII. 235.

⁵ Apolodoro: III. 12. 1; Licófron: 72 e segs., com comentários de Tzetzes; Escolasta de Homero: *Ilíada* XX. 215; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 167; Tzetzes: *Licófron* 29.

⁶ Tzetzes: *loc. cit.*; Diodoro Siculo: V. 48; Estrabão: *Fragmento* 50; Homero: *Ilíada* XX. 215 e segs.

⁷ Apolodoro: *loc. cit.*; Sérvio: *loc. cit.*; Diodoro Siculo: *loc. cit.*

⁸ Estrabão: *loc. cit.*; Dionísio de Halicarnasso: I. 61; Eustrácio sobre a *Ilíada* de Homero p. 1204; Cónon: *Narrativas* 21; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio II. 166.

⁹ Tzetzes: *Licófron* 72; Dionísio de Halicarnasso: *loc. cit.*

¹⁰ Sérvio: *loc. cit.*; VII. 207 e III. 15.

¹¹ Apolodoro: III. 12. 2 e III. 15. 3; Dionísio de Halicarnasso: I. 50. 3.

¹² Homero: A *Ilíada* XX. 220 e segs.; Dionísio de Halicarnasso: I. 62; Apolodoro: III. 12. 2.

¹³ Apolodoro: III. 12. 3; Tzetzes: *Licófron* 29; Lesses de Lámpsaco, citado por Tzetzes: *loc. cit.*;

Pindaro: *Odes Olímpicas* VIII. 30 e segs., com escólio; Estrabão: XIII. 1. 3 e 3. 3.

¹⁴ Ovídio: *Fastos* VI. 420 e segs.; Apolodoro: *loc. cit.*

¹⁵ Ovídio: *loc. cit.*; Apolodoro: *loc. cit.*

¹⁶ Dictys Cretensis: V. 5.

¹⁷ Escolasta de Eurípides: *As Fenícias* 1136; Dionísio de Halicarnasso: I. 61; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio II. 166.

¹⁸ Clemente de Alexandria: *Protréptico* IV. 47; Sérvio: *loc. cit.*; Ferecidas, citado por Tzetzes: *Licófron* 355; *Etymologicum Magnum: sub* Paládio pp. 649-50.

¹⁹ Dercilio: *Fundações de Cidades* I, citado por Plutarco: *Vidas Paralelas* 17.

²⁰ Apolodoro: III. 12. 2 e 3.

²¹ Apolodoro: II. 59. II. 6. 4 e III. 12. 3; Escolasta de Homero: *Ilíada* III. 250; Homero: *Ilíada* VI. 23-6; XXI. 446 e VII. 542; Horácio: *Odes* III. 3. 21; Pindaro: *Odes Olímpicas* VIII. 41, com escólio; Diodoro Siculo: IV. 32.

²² Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio II. 319; Apolodoro: III. 12. 5; Homero: *Ilíada* II. 831 e 837; Virgílio: *Eneida* IX. 176-7.

²³ Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio V. 128; Apolodoro: *loc. cit.*; Ovídio: *Metamorfoses* XI. 755-95.

²⁴ Ferecidas, citado no escólio sobre Homero: *Ilíada* XVI. 718; e sobre Eurípides: *Hécuba* 32; Aténion, citado no escólio sobre Homero: *loc. cit.*; Apolodoro: *loc. cit.*

²⁵ Homero: *Ilíada* XXIV. 495-7 e VI. 242-50.

²⁶ Estreco, citado por Tzetzes: *Licófron* 746; Apolodoro: *loc. cit.*

²⁷ Antíclides, citado pelo escolasta de Homero: *Ilíada* VII. 44.

²⁸ Higino: *Fúbulas* 93; Apolodoro: III. 12. 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio II. 247.

²⁹ Benoît: *Roman de Troie* 385 e 3187 e segs.; O Cerco e a Batalha de Tróia 349 e segs., e 385; Tzetzes: *Licófron* 340; Dares: 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 80.

³⁰ Ésquilo: *Agamémnon* 1210; Tzetzes: *Hipótese de Alexandria de Licófron*; *Licófron* 29 e 350.

1. A localização de Tróia, por um lado numa planície abundantemente irrigada, e além do mais na entrada do Helesponto, o que a tornava no principal centro do comércio entre o Oriente e o Ocidente na Idade do Bronze, provocou obviamente ataques frequentes de todos os quadrantes. As reivindicações de Gregos, Cretenses e Frígios, no sentido de terem sido, respectivamente, os fundadores da cidade não eram de modo nenhum irreconciliáveis, uma vez que na época clássica ela tinha sido destruída e reconstruída o número de vezes suficientes para que tal fosse possível; ao todo, houve dez cidades de Tróia, sendo a de Homero a sétima. A Tróia de que fala Homero, parece ter sido povoada por uma federação de três tribos — Troianos, Ilianos e Dardânios — um sistema corrente na Idade do Bronze.

2. «Apolo Smíntio» remete-nos para Creta, dado que *Smíntios* é a palavra cretense para «rato», animal sagrado não só em Cnosso (ver 90. 3) como na Filisteia (1 *Samuel* VI. 4) e na Fócida (Pausânias: X. 12. 5), e Erictónio, o fertilizante Vento Norte, era venerado de igual modo pelos Pelágios de Atenas e pelos Trácios (ver 48. 3). Mas a pretensão de Atenas de haver fundado Tróia pode ser rejeitada como mera propaganda política. Os ratos brancos que se conservavam nos templos de Apolo serviam, por assim dizer, como meios profiláticos tanto contra as pragas como contra invasões repentinas de ratos; como o referem Eliano (*História dos Animais* XII. 5 e 41) e Aristóteles (*História de Animais* VI. 370). É possível que Dárdano fosse um Tirreno proveniente da Lídia (ver 136. 8), ou da Samotrácia; no entanto, Sérvio cai em erro ao dizer que ele veio da Eúria, onde os Tirrenos se fixaram bastante depois da Guerra de Tróia. «Zacinto», uma palavra cretense que figurava na genealogia real de Tróia, era o nome de uma ilha que pertencia ao reino de Odisseu (Ulisses), o que sugere que este tenha reivindicado os seus direitos hereditários a Tróia.

3. O Paládio, que as Vestais Virgens guardavam em Roma como uma espécie de talismã da sorte para a cidade, revestiu-se de imensa importância para os mitógrafos italianos; estes sustentavam que ele havia sido salvo de Tróia por Eneias (Pausânias: II. 23. 5) e trazido para a Itália. Era feito, talvez, de mármore das defesas do marsuino (ver 108. 5). «Paládio» significa pedra, ou outro qualquer objecto de culto em redor do qual dançavam as raparigas de um determinado clã, como em Téspias (ver 120. 4), ou saltavam jovens manecos, sendo o termo *pallias* usado indiscriminadamente para ambos os sexos. O Colégio romano dos Sálitos era uma comunidade de sacerdotes saltadores. Quando objectos de culto deste tipo passavam a identificar-se com a prosperidade da tribo, e eram cuidadosamente guardados e protegidos contra o roubo ou a sua mutilação, atribuía-se a *palladia* o significado de *palla*, «ou coisas lançadas do Céu». Esses *palla* não deviam manter-se escondidos do céu, e por isso a pedra de raio sagrada de Termo em Roma se encontrava sob um buraco do telhado do templo de Júpiter — o que explica a mesma aberração em Tróia.

4. A adoração dos meteoritos estendeu-se naturalmente à dos antigos monólitos; cuja origem funérria se havia esquecido; e do monólito à imagem de pedra, e da imagem de pedra à de madeira ou de mármore vai um curto passo. Mas quanto à queda de um escudo do Céu — o *ancil* de Marte (Ovídio: *Fastos* III. 259-73) é o exemplo mais flagrante — requerem-se mais explicações. Primeiro, os meteoritos, os únicos *palla* genuínos, eram considerados como a origem do raio, que fende as árvores da floresta. Posteriormente, as achas neolíticas de pedra, como as que foram recentemente descobertas no santuário micénico de Asine, e os machados ou pilões primitivos da Idade do Bronze, como o Pílo de Cibele em Éfeso (Acron XIX. 35), foram encaradas como sinais do cósmico. Mas o escudo era igualmente um instrumento tonante. Os fazedores de chuva pré-helénicos atraíam as tempestades fazendo rodopiar objectos sonantes para imitar o som do vento, e para atrair o trovão batiam em enormes escudos sobre os quais eram fortemente escuritadas peles de boi, utilizando para isso baquetas de duas cabeças semelhantes às que usavam os sacerdotes Sálitos no baixo-relevo de Anágnina. A única forma de fazer com que um objecto sonante

ANEXO B

A lenda dos três irmãos - O Lechu, Czechu i Rusie³

Houve um tempo em que todos os povos eslavos moravam numa única terra e falavam todos a mesma língua, mas um dia essa tribo cresceu tanto que, tendo começado a comida escassear, decidiram eles sair em busca de outro lugar para viver. Três irmãos comandaram esta trabalhosa viagem: Lech, Czech e Rus, e com eles levaram todos aqueles que decidiram acompanhá-los em busca de uma vida melhor. Uma noite, toda a gente pediu a proteção dos deuses, acomodou seus pertences nas carroças e, com suas mulheres, velhos e crianças, partiu ao alvorecer em respeitoso silêncio. Muitos guerreiros, montados nos seus cavalos, protegiam essa grande caravana na longa viagem pelas estepes misteriosas e cheias de perigo.

Durante muitos dias e noites, eles atravessaram matas fechadas, vadearam rios, escalaram montanhas e cruzaram vales; no caminho, havia raras aldeias de homens. Incansavelmente, porém, a caravana seguia em frente, vencendo a solidão e o medo. Até que um dia um dos três irmãos sentiu que era chegado o momento de se separar do grupo.

- Fiquem comigo os que quiserem – disse Rus. – E os que partirem, lembrem-se para sempre de mim.

Assim Rus seguiu para o leste com a sua tribo, e escolheu por moradia uma terra plana, ampla e fértil, cortada por largos rios e conhecida para sempre como Rússia.

O segundo dos irmãos a separar-se foi Czech, que seguiu para o sul com a gente que escolheu acompanhá-lo, e, às margens do rio Veltava, fundou o país dos tchecos.

O mais novo dos três irmãos, Lech, continuou com perseverança sua viagem para o norte, no que foi seguido por muitos dos seus. Um dia, a caravana de Lech parou numa clareira com o intuito de descansar seus animais, extenuados pela infindável viagem. Enquanto os homens montavam o acampamento, as mulheres preparavam a comida, e as crianças corriam e brincavam, Lech olhou atentamente a terra à sua volta. Inesperadamente, ele gostou muito do que viu: a mata era abundante em caça, o rio era limpo e nele

³ Lenda retirada do livro *Dragão de Wawel e outras lendas polonesas*, de Anna Klaciewicz e Letícia Wierzchowski.

pululavam os peixes, o sol se refletia nos lagos e havia por tudo uma terra fértil e plana, boa para a semeadura.

Lech achou que aquele era o lugar perfeito para ficar, e então chamou os velhos da tribo e pediu-lhes um conselho. Os anciãos pensaram e pensaram, até que o mais sábio deles disse:

- Teus irmãos já elegeram moradia, creio que é chegada a nossa vez. Tu escolheste uma bela terra, fiquemos pois. É certo que poderemos construir aqui a nossa aldeia.

Lech decidiu, então, ficar naquele lugar. Porém, como era o hábito naqueles tempos, todo o acampamento ficou esperando um sinal dos deuses para que pudessem finalmente dar início à construção da aldeia.

Então, de repente, ouviu-se um estranho bater de asas e todos viram, no alto do céu avermelhado do entardecer, uma grande águia branca que pousou em seu ninho no topo de um velho carvalho no alto do morro. Contra o céu do crepúsculo, a figura da águia brilhava como prata com sua penugem toda branca, e os anciãos disseram:

- Este é o bom presságio que esperávamos. Podem começar a erigir a primeira casa.

Sendo assim, a gente de Lech ali construiu seu povoado e deu-lhe o nome de "Gniezno", que significa ninho em polonês. A aldeia cresceu e cresceu, e muitos anos depois foi a primeira capital da Polônia; Lech deu início a uma dinastia de príncipes e reis que por muitas gerações governaram aquela terra. E a águia branca sobre o fundo vermelho tornou-se o brasão da Polônia.

ANEXO C

Lendas Polonesas

A águia branca

*H*á muitos anos, uns mil ou mais, viviam três irmãos chamados Lech, Czech e Rus. Os três jovens, fortes e bravos, tinham suas comitivas de fiéis guerreiros. Viviam juntos, em paz, passando o tempo na caça, corridas e brincadeiras.

*U*m dia decidiram o seguinte: "Somos nós três bravos e valentes, como falcões e, assim, cada um precisa ter seu espaço. Tem mundo bastante para cada um achar um lugar para si."

E assim fizeram. Abraçaram-se fortemente na despedida e zarparam com seus guerreiros, cada qual para seu destino.

*C*zech foi para o sul até chegar ao rio Veltava. Lá construiu a lindíssima cidade de Praha, hoje capital da República Tcheca.

*R*us foi para o este e lá estabeleceu seu reino, hoje conhecido como Rússia.

*L*ech foi para o oeste. Caminhava pelas florestas selvagens, cruzava grandes rios e pântanos, mas não achava lugar que gostasse. Um dia, avistou

um lindo e imponente pássaro sobrevoando a floresta: era uma águia branca. "Vou seguir este pássaro", pensou Lech. "Talvez ele me mostre um lugar para ficar". Durante dois dias seguiram-no e este parecia, na verdade, guiá-los. Na tarde do terceiro dia, de repente, a floresta acabou e descortinou-se um lindo vale verde, formado por alguns morros e cercado pela coroa de lagos azuis. No maior morro, num grande e antigo carvalho, a águia tinha o seu ninho. Lech, encantado com a paisagem decidiu: "aqui vou me estabelecer e esta águia branca será a protetora e brasão do meu povo".

*E*m torno do grande carvalho construiu a cidade que chamou de Gniezno, que em polonês antigo significa ninho. A cidade tornou-se a primeira capital da Polônia. A águia branca, sempre presente nas bandeiras de guerreiros poloneses, no século XIII foi proclamada brasão oficial do país. Desde então aparece em moedas, carimbos e na bandeira nacional. Com o passar dos séculos mudavam o desenho ou alguns detalhes do brasão.



*H*oje é uma águia branca em fundo vermelho, com bico virado à direita e com coroa e garras douradas. A águia é um dos maiores pássaros predadores do mundo. A envergadura de suas asas chega até 2 metros com a altura do voador de uns 80 cm. Caça pequenos animais e outros pássaros e come também carne. As águias constroem seus ninhos nos rochosos picos de montanhas ou nas altas árvores. Majestosa e valente, é um pássaro cada vez mais raro no mundo moderno, e a águia branca é encontrada somente na Europa Central. É irônico pensar que a águia branca que, por tantos séculos protegia a nação polonesa, agora necessita viver sob restrita proteção ambiental.

ANEXO D

Lenda dos três irmãos e a águia branca. ⁴

Há muitos e muitos anos atrás, antes mesmo do nascimento do Menino Jesus, numa terra longínqua coberta de densas florestas com enormes árvores e cheias de animais selvagens, viviam três irmãos: Lech, louro e de olhos azuis; Czech, de olhos claros e cabelos escuros e Rus de olhos escuros.

Ao atingirem a idade adulta, resolveram abandonar a casa paterna e sair à procura de um lugar onde pudessem estabelecer-se e fundar seus povoados. E assim cada qual tomou seu rumo: Czech seguiu para o sul e nas margens do rio Veltava construiu a sua morada dando início ao país dos tchecos; Rus seguiu para o leste em direção as vastas planícies e extensas estepes onde fundou o país dos russos; Lech com sua comitiva dirigiu-se para o norte, rumo ao mar Báltico.

Certo dia, cansado da jornada pelas densas florestas, vendo uma bela clareira com um enorme carvalho no meio, Lech resolveu repousar em baixo dos ramos da árvore e ali passar a noite. De repente, ouviu-se um ruflar de asas e quando ele olhou para cima, viu uma enorme águia branca que descia rumo ao ninho para alimentar seus filhotes. Encantado, olhou a soberba ave iluminada pelo sol poente, contra o céu avermelhado.

Mais tarde subiu nos ramos do carvalho até o ninho da águia e, tomando nas mãos um filhote, sobre seu gibão vermelho. Como eram lindas as duas cores: o branco da aguiazinha em cima do vermelho do seu gibão.

Considerando o ninho como um bom presságio, resolveu estabelecer-se ali mesmo. O povoado que fundou no local, mais tarde transformou-se em cidade com o nome de Gniezno, nome derivado da palavra *gniazdo* que quer dizer ninho. Foi esta a primeira capital da Polônia, terra da qual vieram pais e avós de vocês, pátria do nosso santo papa João Paulo II.

⁴ Adaptado por Halina Marcinowska de *Thirteen Polish Legends* de Krystyna Kopczynska Sadowska.

Até hoje, no escudo da Polônia vemos a efigie da águia branca e a bandeira polonesa é constituída de duas faixas horizontais, branca em cima e vermelho em baixo.

ANEXO E

Lenda sobre Popiel

Texto de Marta Berowska⁵

Perto de Gniezno em Kruszwica, beira do lago Gopło, morava o príncipe Popiel, que governava uma terra chamada Wielkopolska – Grande Polônia. Esse príncipe não tinha boa fama, pois não cuidava bem nem de seu povo, nem de seu exército. Passava a maior parte de seu tempo em caçadas e festas, nas quais tinha como convidados nobres estrangeiros, pois sua esposa, a princesa Kunegunda, era da Alemanha. Assim como Popiel, ela também preferia cuidar das festas e de suas roupas, estas eram tantas, que Kunegunda chegava a ter mais do que várias rainhas.

Os tios e primos do príncipe Popiel pediam para ele parar de se divertir exageradamente e lembravam-no de cuidar do seu principado. Os nobres reclamavam que o país estava empobrecendo; os cavaleiros preocupavam-se com as fronteiras, pois os vizinhos vendo as terras desprotegidas podiam atacar; o povo pedia para diminuir os impostos e resolver as divergências sobre terra; o príncipe Popiel, porém, não ouvia e junto com sua esposa saía para cavalgar.

De tanto escutar o alerta dos familiares, Popiel, uma noite, ficou na dúvida se estava certo. A esposa vendo-o tão pensativo e preocupado perguntou qual era o motivo, ouviu e respondeu que no país dela ninguém iria chamar a atenção dele, aqueles que se revoltavam eram presos e ganhavam surra, os nobres e os familiares inconvenientes eram tirados do caminho. Mas como poderiam fazer isso, perguntou o príncipe à esposa, então Kunegunda mostrou-lhe um vidrinho com veneno. Decidiram convidar os parentes e os nobres mais importantes e insatisfeitos para uma festa.

Kunegunda sozinha cuidara dos preparos da comida e vinhos. Na hora da festa começou uma forte tempestade - mau presságio -, mas os convidados não desconfiaram da armadilha e logo no primeiro brinde caíram todos mortos sofrendo muito. O príncipe mandou jogar os corpos no lago Gopło e, após

⁵ IN: Berowska, Marta. *Polskie Legendy i Podania*. Warszawa: WILGA, []. Tradução Anna Klaciewicz.

alguns dias, ao redor do castelo começaram a surgir centenas, milhares de ratos. O mais impressionante era que os bichos não atacavam os corpos dos nobres mortos, mas tentavam entrar no castelo. Quando conseguiram, Popiel e sua esposa não conseguiram se esconder dos ratos; a solução era fugir. Pegaram uma canoa e pelo lago foram até uma ilha onde havia uma torre, subiram e trancaram-se nela. Nadando os ratos chegaram à ilha. Primeiro roeram o fundo da canoa, assim ninguém poderia escapar da ilha. Os moradores de Kruszwica costumam dizer que os ratos comeram Popiel e Kunegunda em castigo por sua maldade. A torre na ilha do lago Gopło é chamada de “Torre de Ratos”, que há séculos lembra o castigo que encontrou mau príncipe e sua esposa.

ANEXO F

Piast Kołodziej

Texto de Magdalena Grądzka⁶

Nos tempos em que governava o príncipe Popiel vivia, perto da cidade de Kruszwica, Piast. Ele plantava, criava abelhas e ainda era carpinteiro – fazia carroças. Junto com sua esposa, chamada Rzepicha, vivia em harmonia e paz criando seus filhos.

O filho mais velho faria sete anos e se aproximava o tempo de cortar, pela primeira vez, seus cabelos, o que era comemorado festivamente. Esse evento era muito importante, porque neste dia o menino passaria dos cuidados da mãe para a responsabilidade do pai, cortava-se seu cabelo e escolhia-se seu nome.

Quando os convidados de Piast já iam sentar-se à mesa, inesperadamente chegaram dois andarilhos jovens, altos, vestidos em folgadas túnicas de linho. Pareciam muito cansados e suas roupas e sandálias estavam cobertas de poeira.

Quando eles passaram na soleira da casa cumprimentaram todos e um deles falou:

- Estamos caminhando já há bastante tempo e ainda temos longo percurso pela frente, pedimos estadia para descansar e apagar nossa sede. Nós pedimos acolhida na corte de Popiel, mas ele mandou nos escorraçar.

Piast reverenciou os visitantes e convidou-os para se sentarem à mesa com os demais convidados.

- Sejam meus convidados – disse – comam e bebam a vontade e alegrem-se conosco, porque hoje estamos festejando o primeiro corte de cabelo do meu filho mais velho.

Quando todos saciaram a fome, Rzepicha trouxe para o cômodo o menino. O pequeno ajoelhou-se em frente ao pai, que o levantou, respingou

⁶ IN: GRĄDZKA, Magdalena. *Legendy Polskie*. Warszawa: WILGA, []. Tradução de Anna Klacwicz.

sobre ele água da nascente e com seriedade pegou a tesoura. Segurou uma longa mecha de cabelo da testa da criança e cortou-a solenemente. Depois se virou para os misteriosos andarilhos e disse:

- Por favor, façam o mesmo que eu e deem nome ao meu filho, que a partir de hoje ele usará!

Os recém chegados cortaram o cabelo do menino como mandava o ritual e um deles disse ao menino:

- Desde hoje vai se chamar Ziemovit. Que este nome te traga felicidade e fama. – Dizendo isso fez um misterioso sinal acima da cabeça do menino. Depois todos os convidados, um por um, se aproximaram para cortar mechas do cabelo de Ziemovit. Quando o cabelo já estava todo cortado, cantaram-se canções do ritual. Todos foram ao cemitério para rezar e colocar oferendas para os espíritos dos ancestrais mortos.

Na volta para hospitaleira casa, os andarilhos despediram-se de Piast e Rzepicha e na saída repetiram o mesmo sinal, que antes fizeram sobre a cabeça do menino, e seguiram adiante. Nenhum dos convidados, nem Piast e sua família souberam quem eram, de onde vieram e para onde foram. Porém uma coisa ficou clara, não eram simples andarilhos, porque após sua partida não diminuía quantidade de comida na despensa, apesar de que para a festa vieram ainda muitos convidados.

Ziemovit cresceu corajoso e bom homem e após a morte de seu pai, o povo elegeu-o como príncipe. E assim realizou-se o desejo dos misteriosos andarilhos.

ANEXO G

Piast

Texto de Cecylia Niewiadomska⁷

Quando Popiel governava, perto de Kruszwica tinha seu sítio Piast, que fazia carroças. Os vizinhos respeitavam-no e amavam-no, pois ele estava sempre disposto a ajudar, tanto com um conselho como com um auxílio, era ainda muito sábio e cuidava de seus bens.

Além da casa e da terra arada, Piast tinha colméias, que davam bastante mel e cera. Piast tinha muito trabalho, mas não lhe faltava nada. Sua boa esposa Rzepicha o ajudava e seus filhos saudáveis e alegres davam-lhes muita felicidade.

Poeta polonês Niemcewicz, que, há quase cem anos, nos belos cantos históricos descreveu pessoas famosas e mais importantes acontecimentos da nossa história disse sobre esse camponês:

*Entre os tranqüilos camponeses de Kruszwica
Vivia Piast, que deuses e pessoas amavam.
Em sua casa simples, mas toda limpinha;
Atrás do rio Gopło, havia colméias;
A sombra do milenar ácer, sua casa,
E ali a cegonha seu ninho instalou.*

Na época das desavenças com Popiel sobre *wiece*⁸, o filho mais velho de Piast completava sete anos. Essa data era importante para a família, pois o menino passava dos cuidados da mãe para os do pai. Nesse dia fazia-se *postrzyżyny*: o pai, pela primeira vez, cortava os longos cabelos do filho, dava-lhe o nome que a partir de então iria usar e pedia benção aos ancestrais para o filho.

⁷ IN: WYGONIK, Edyta (org). *Legendy Polskie*. Kraków: Wydawnictwo Zielona Sowa, 2003 – tradução Anna Klaciewicz.

⁸ *Wiece* – costume de reunir o povo para tomarem importantes decisões juntos e para relatarem queixas.

Para essa festa convidava-se os vizinhos e servia-se com abundância para deixar a data na memória e garantir a simpatia deles para o filho. Piast e Rzepicha preparavam com antecedência bastante carne, mel, frutas silvestres e pão. A casa era limpa e enfeitada com verde e muita comida era posta nas mesas.

No momento em que os convidados estavam sentando-se à mesa, apareceram viajantes desconhecidos. Eram jovens com cabelos claros e rostos serenos. As roupas empoeiradas davam testemunho que vinham de longe – pediam pouso. Antes haviam pedido na corte do príncipe, mas lá não os deixaram entrar – Pode ser que encontrassem hospitalidade na casa coberta de palha.

Nos tempos que a Polônia ainda era pagã, hospitalidade era lei sagrada. “Visita em casa, Deus em casa”, fala velho provérbio e descreve o que pensava e sentia cada um.

Com alegria, Piast recebeu os visitantes. Alcançou água para lavarem-se da poeira, pediu para que sentassem a mesa e comessem.

Então iniciou o ritual.

A mãe trouxe o menino vestido de branco com camisa de linho, com os longos cabelos penteados e levou-o até o pai. O filho ajoelhou-se em frente a ele, Piast levantou-o, abarcou e respingou água da nascente e pegando a tesoura cortou uma mecha de cabelo que estava na testa.

Passou a tesoura para o mais velho dos viajantes, que também cortou uma mecha de cabelo, e assim um após o outro, dos mais velhos aos mais novos, parentes e vizinhos cortaram aos poucos o cabelo do menino.

As mulheres juntaram as mechas para, mais tarde, enterrar. Os viajantes levantaram-se e um deles falou:

- Permitam-nos, irmãos, abençoar o menino em nome de nosso deus. -
E fazendo o sinal da cruz disse – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

te batizo Ziemowicie. Que a benção de Deus esteja sobre ti, tua casa e teus filhos.

Os presentes ouviram com surpresa, comovidos e cheios de gratidão. Todos gostaram do nome Ziemovit e Piast agradeceu de coração.

Depois começaram os cantos rituais. A mãe trouxe uma coroa trançada de ervas frescas e pôs na cabeça do filho, o pai tomou-o pela mão e seguiu em direção ao lugar sagrado no cemitério para rezar e com oferendas venerar espíritos dos ancestrais.

Pelo caminho cantaram, derramaram leite sobre os túmulos e colocaram bacias com comida.

Quando voltaram para casa perceberam que os jovens viajantes haviam sumido. Ninguém percebeu quando saíram e para que lado foram. Deviam ser pessoas santas, pois deixaram a benção sagrada de Deus.

Os convidados também se foram, mas retornaram no dia seguinte com a notícia que os populares estavam se reunindo para escolher outro príncipe; sobre Popiel mais ninguém queria ouvir.

De todos os lados reuniam-se numerosas multidões, alguns vinham a pé, outros viajavam de carroça, outros à cavalo, mas ninguém deixava de passar na casa de Piast para ouvir suas ajuizadas palavras e renovar forças na mesa hospitaleira. Em Kruszwica rapidamente a fome começou a atormentar; as redondezas já não podiam mais suprir alimento para tantas pessoas e ninguém trouxe consigo volumosas provisões e o que tinham não era suficiente para todos.

O hospitaleiro marceneiro saudava e servia a todos, mas em sua alma crescia preocupação: Será que terá alimento para todos? O que fazer quando começar a faltar?

Preocupado perguntou a esposa o que ainda tinham na despensa. Rzepicha foi verificar e quando voltou contou com maior surpresa que a

quantidade de alimento não diminuía, que as bacias e potes continuavam cheios como antes.

Piast alegrou-se, admirou e agradecendo os deuses por esta dádiva, mais confiante convidava e servia:

- Você é bom anfitrião – elogiavam surpresos visitantes – se consegue alimentar a multidão.

- Não é nisto meu mérito – explicava o camponês – Esse é o desejo e a benção de Deus. Acho que santos visitantes recebi na minha casa e desde então não falta suprimento.

Surpresos todos se entreolharam – Porque vamos procurar um príncipe, se temos aquele que os próprios deuses abençoaram? Sobre Piast existe a proteção e a mão divina. Ele irá ter um próspero governo.

*E sentou Piast marceneiro sobre o trono em Kruszwica,
Já vestiu púrpura, empunhou espada de guerreiro
Coroa esplendida laureou suas fontes
Agradecido, desejando homenagear estado camponês
Mandou colocar seu arado ao lado do trono.*